

REVISTA

BZZZ

ANO 3 | Nº 42 | DEZEMBRO DE 2016 | R\$ 12,00



2016

OUI

Capital potiguar guarda traços e cultura da França

NATAL DAS ANTIGAS

Casais buscavam refúgios nada discretos para namoros às escondidas

CLUBE AMÉRICA

Sede de memórias de grandes festas e carnavais

JORNALISMO

História da pioneira Faculdade Eloy de Souza

FELIZ ANO VELHO

ANGÚSTIA, ANSIEDADE E FRUSTRAÇÃO SÃO SENTIMENTOS COMUNS AO FIM DE CADA ANO. COMO LIDAR COM ELES?



JULIANA PAES

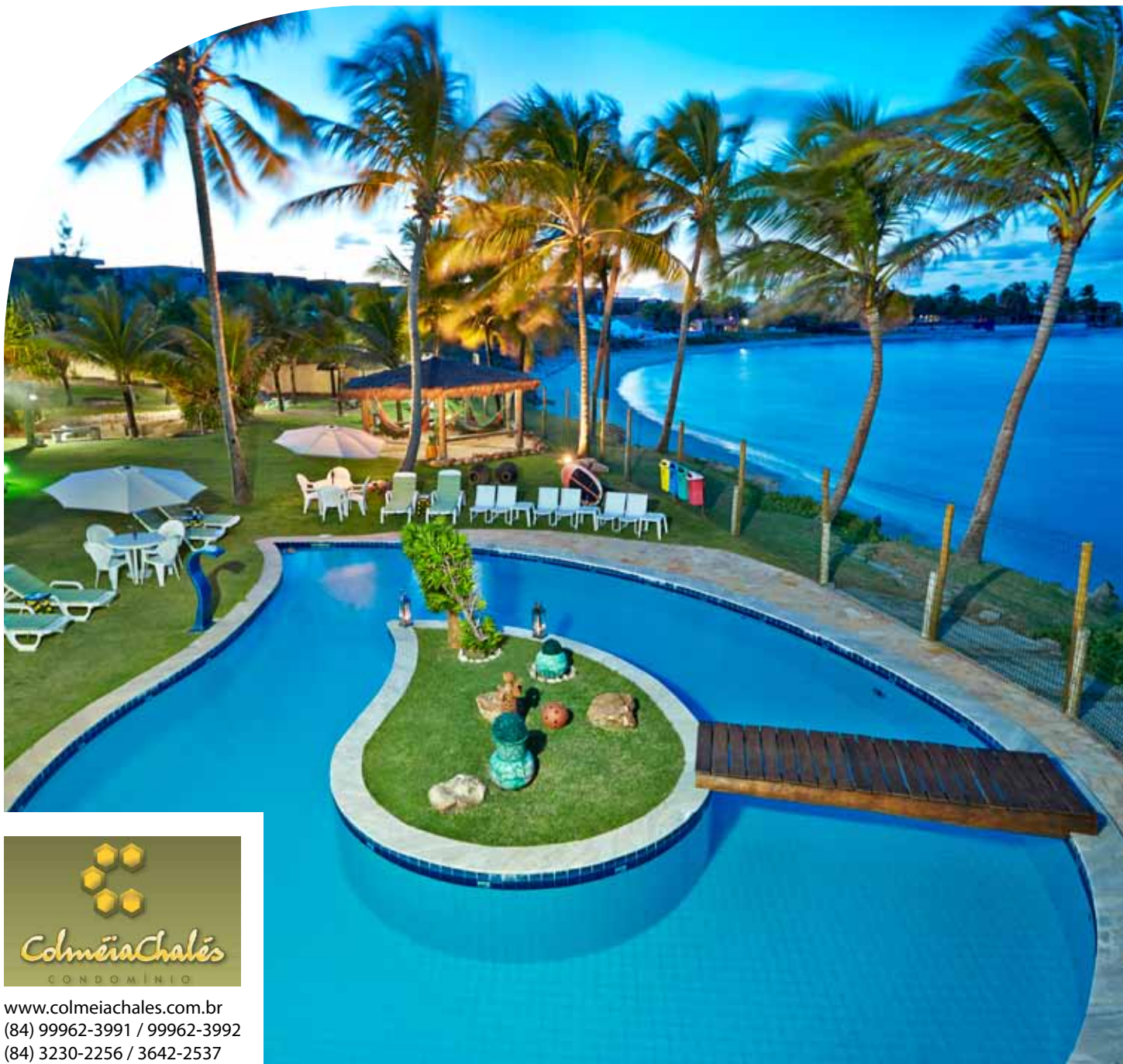
Eleita "o sorriso do ano", atriz recebe prêmio em Natal e conta sobre novos planos

THE VOICE BRASIL

Potiguar de coração, Camila Matoso encanta no palco do reality show



Ilustração
Carmel



www.colmeiachales.com.br
(84) 99962-3991 / 99962-3992
(84) 3230-2256 / 3642-2537



Salão de jogos e TV



Chalés com um e dois quartos



Essa equipe está pronta para lhe servir: Neto, Luciana, Mary, João Paulo. O dócil Toch circula na madrugada

Paraíso no paraíso

Na paradisíaca Praia de Camurupim, a 28 km de Natal, conhecida pelas piscinas naturais na maré baixa, fica o Colmeia Chalés, espaço perfeito para relaxar e se divertir, seja entre amigos, família ou lua-de-mel.

Conta com chalés de um e dois quartos, além do loft romântico, com banheira de cromoterapia, de frente para o mar. Todos equipados com cozinha e utensílios. Opção de café no chalé. Temos também cardápio de petiscos e almoço.

Na área de lazer: piscina, churrasqueiras, pranchas de sup, redário, playground, salão de jogos, lago artificial com peixes; pássaros, como cacatuas e calopsitas, preás etc.

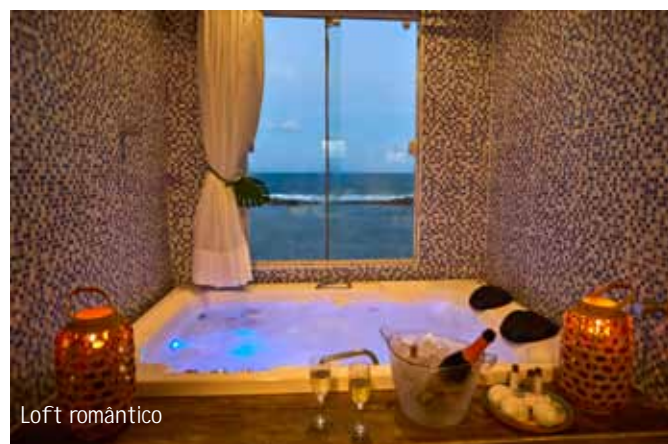
Estacionamento privativo coberto.
A água é totalmente filtrada.



Loft romântico



Loft romântico



Loft romântico



Da varanda



Conforto dos chalés, com ar condicionado split



Lago Artificial

A cada degrau,




primeiros passos
Espaço Infantil

Und. I Av. Rodrigues Alves
Und. II Av. Afonso Pena
www.primeirospassosnet.com.br
84 3344.5424

UMA NOVA CONQUISTA.

Escolha o caminho
da **melhor formação.**



ROMUALDO
GALVÃO
4006.0550



EDUCANDO
PARA O PENSAR.

Doce e amargo

DEZEMBRO

A INVENÇÃO DO ANO dividido em fatias faz eventos se repetirem e que são responsáveis pela programação da vida de muitas pessoas. Para várias delas, tão certa quanto a chegada da última etapa (ou mês), é o sabor amargo do complexo dezembro. Enquanto tudo à volta convida à celebração, a vida por dentro pode estar uma grande bagunça e com sensações em chamas. Quem nunca sentiu esse sentimento ‘sem nome’? Ele aparece ao pensar no que passou, no que ficou pendente, nos sabores do último ano e, fortemente, nas expectativas relacionadas ao por vir. Em busca de dar nomes e soluções para algo que parece tão abstrato, o repórter Octávio Santiago aceitou o desafio, cumprido magistralmente, de traduzir em palavras essa energia natalina que não é o presente esperado do Papai Noel. Leia e permita-se sentir.

E neste ano, mais um em que a Revista Bzzz encerra cheia de motivos para comemorar. Consolidação e reconhecimento. Os leitores fiéis que temos e nos procuram, com opiniões, pedidos de matérias e críticas. Os planos para 2017, são muitos. Temos que agradecer – aos profissionais que entendem o espírito da Bzzz e levam cada linha muito a sério, aos anunciantes que confiam no trabalho realizado e são nossos parceiros, aos nossos leitores e incentivadores, sempre.

Para agradecê-los, temos uma revista, ainda mais que em outras, que recorre em muito à memória e a saudosos lugares e costumes. Começamos com a Faculdade Eloy de Souza, pioneira no ensino do jornalismo no Nordeste, que teve vida curta, porém, notável. Em seguida, a influência francesa na capital potiguar. Temos também: os lugares que casais namoravam às escondidas décadas passadas e que renderam divertidas histórias. Por falar nisso, há ainda as histórias do Clube América e do Hospital Infantil Varela Santiago; entrevistas com a atriz Juliana Paes e com a cantora Camila Matoso; o estranho e curioso caso do Rio Mossoró, além de turismo, cultura e toda a característica pluralidade da Bzzz.

Ótima leitura!

Equipe Bzzz

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaaabelhinha.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ANDRÉA LUÍZA TAVARES, CÍCERO OLIVEIRA,
HAYSSA PACHECO, JANAÍNA AMARAL,
LISSA SOLANO, MARKSUEL FIGUEREDO,
OCTÁVIO SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA,
THIAGO CAVALCANTI, VÂNIA MARINHO

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
IVAN CABRAL

FOTOS
ALICE VENTURI, BRUM (ILUSTRAÇÕES),
CÍCERO OLIVEIRA, DIEGO BATISTA,
FABIANO GUEDES, FELIPE SOUZA,
GILVAN XAVIER, IVAN CABRAL (ILUSTRAÇÕES),
SERGIO FREIRE FILHO, SOLANO BRAZ

GRÁFICA
UNIGRÁFICA

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES



Indispensável

AGORA EM NATAL, UNIMED AEROMÉDICA
Exclusivo para você, cliente Unimed Natal.

Ser cliente Unimed Natal é contar sempre com o melhor. Acesse a sua área do beneficiário e consulte as condições para adesão. Em caso de dúvidas, ligue 3220.6200 ou acesse www.unimednatal.com.br



CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.



80 PLUS SIZE

Moda democrática e antenada



76

Arte e turismo

Barroco na República Tcheca é um dos encantos do belo país

64 CULTURA

Artistas encantam pelas ruas de Lisboa, Portugal



58

RIO MOSSORÓ

Com o dobro da salinidade da água do mar, rio cercado de peculiaridades sofre com poluição e descaso

32

Varela Santiago

Hospital que tem atendimento 100% pelo SUS é referência no tratamento de crianças e ajuda diversas famílias do Rio Grande do Norte



PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

SIMPLES: Hospital do Coração.

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br





ELIANA LIMA

EQUIPE BZZZ



SOS

Em prisão domiciliar desde o início de 2016, o candidato a deputado federal Abraão Lincoln (PRB) não desistiu de sentar em uma das oito cadeiras potiguares da Câmara dos Deputados. Para tanto, trabalha avidamente para prejudicar a eleição do deputado federal Antônio Jácome (PTN) na Justiça. A ascensão seria sinônimo de salvação.

BASTÃO

Por onde anda, o deputado federal Walter Alves (PMDB) recebe o estímulo: “Senador!”. O novo vocativo tem explicação: correligionários querem vê-lo suceder o pai, o senador Garibaldi Alves Filho (PMDB) no Senado Federal. Garibaldi seria o seu primeiro suplente ou candidato a deputado estadual, para se aposentar onde começou.



ATAQUES

Aliás, a disputa pelas cadeiras do Senado Federal que serão decididas em 2018 parece ter começado no Rio Grande do Norte. Os postulantes às vagas já apontaram as suas metralhadoras. O alvo comum é o senador José Agripino Maia (DEM). Nas rodas e cantos de páginas, as evidências não dão margem à dúvida.

FOCO

O interesse no Senado Federal ou desinteresse no Governo do Estado é tanto que o comentado duelo entre o governador Robinson Faria (PSD) e o prefeito de Natal, Carlos Eduardo Alves (PDT) em 2018 pode acontecer pelas cadeiras de Brasília. Montado esse cenário, fica a pergunta: a quem importará o comando do elefante?

DNA

Disputa acirrada e potiguar pela presidência da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Placar de 12 a 12 entre Joe Valle (PDT) e Agacieli Maia (PR). Mesmo com o empate, o pedetista levou a melhor, por ter obtido mais votos nas urnas. Valle é natural de Caicó, já Agacieli nasceu em Jardim de Piranhas. É o Seridó com força no Planalto Central.



DNA (2)

Por falar nos muitos seridoenses bem posicionados em Brasília, não é difícil encontrá-los onde o poder habita. No Senado, por exemplo, perde-se a conta. Os senadores potiguares têm origens distintas, mas na assessoria da Casa, recorrentes “lá de nós”. Boa parte desde os anos 1980, colocados pelas mãos do ex-senador Dinarte Mariz.

TORPOR

A possível migração da deputada federal Zenaide Maia (PR) para um partido de esquerda, após retaliação da sua própria legenda por ela ter votado contrariamente à PEC 241 (55), ainda não prosperou. Por um motivo simples: falta de convites. Apesar do recente constrangimento, Zenaide deve continuar no PR à espera da poeira baixar.

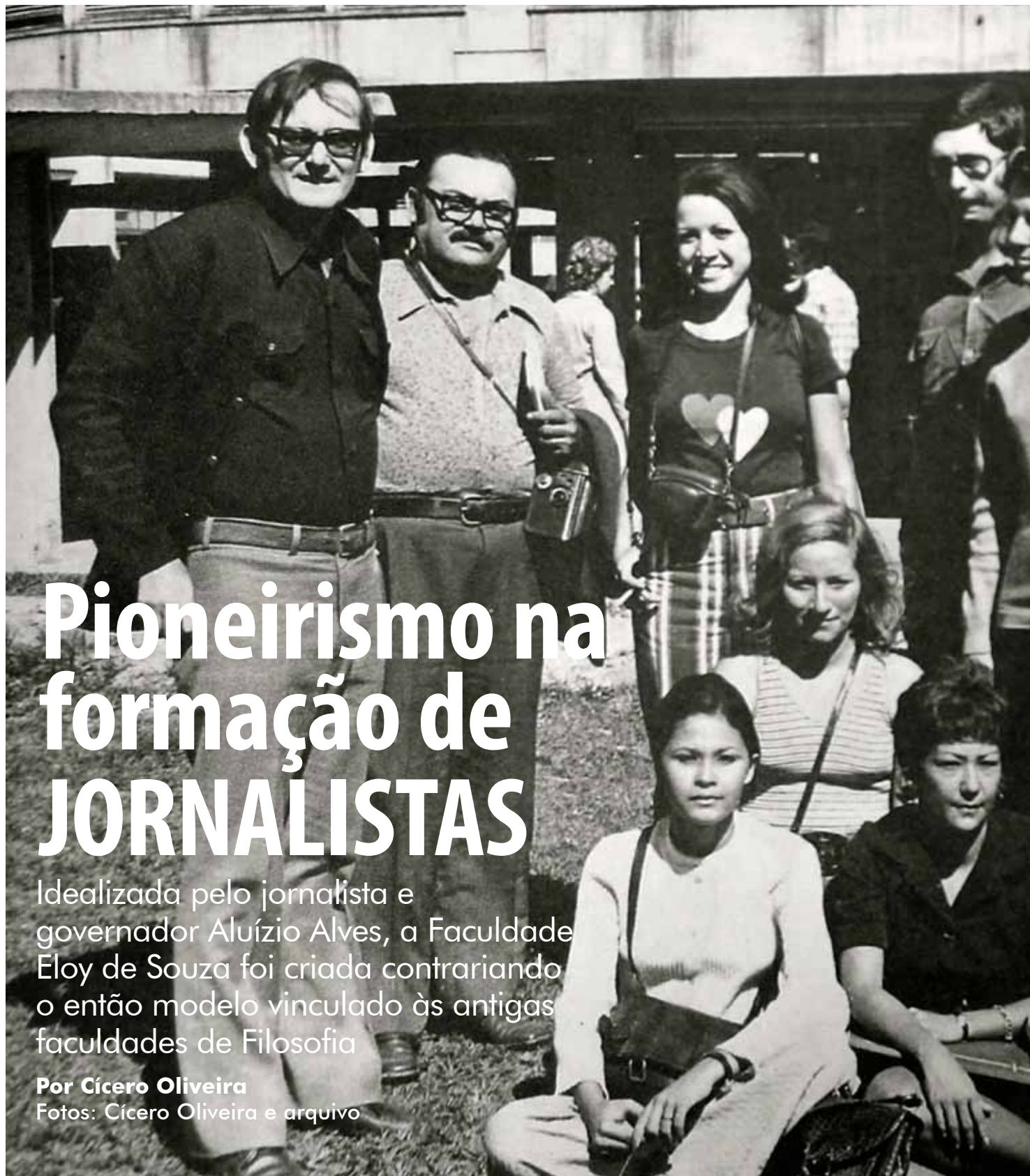
ENTENDIMENTOS

Quem está em alta conta com o governador Robinson Faria (PSD) e o deputado federal Fábio Faria (PSD) é o casal Bastos. Ele, João, velho conhecido nas rodas políticas e que hoje responde pela Geap no RN, por intermédio do parlamentar. Ela, Sâmya, atual presidente da Junta Comercial do Estado, nomeada pelo governador. Tudo em casa.



PEDRAS

As águas calmas pelas quais navega o vereador de Natal Ranieri Barbosa (PDT) para se eleger presidente da Câmara Municipal devem sofrer agitações nas próximas semanas. Cartas nas mangas estão para ser utilizadas para mudar o quadro que se consolida. O prefeito Carlos Eduardo Alves (PDT) não se deu por vencido.



Pioneirismo na formação de JORNALISTAS

Idealizada pelo jornalista e governador Aluísio Alves, a Faculdade Eloy de Souza foi criada contrariando o então modelo vinculado às antigas faculdades de Filosofia

Por Cícero Oliveira

Fotos: Cícero Oliveira e arquivo



Professores e alunos durante a IV Semana de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da USP

A FACULDADE DE JORNALISMO Eloy de Souza foi criada em 1962, período em que o Rio Grande do Norte era governado por Aluízio Alves, com sede em Natal. De maneira diferente de tradicionais cursos de jornalismo, que quase sempre estavam vinculados a outras faculdades, ela surgiu de forma autônoma, como curso isolado. Pioneira na região Nordeste e antecedida no Brasil somente pela Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo, que já funcionava desde 1947.

No início da década de 1960 o cenário educacional no estado era de efervescência, com as dioceses de Natal, Mossoró e Caicó conduzindo o *Movimento de Educação de Base*; o governo estadual aplicando de forma pioneira o *Método Paulo Freire*, no município de Angicos, em 1963, e o então prefeito da capital, Djalma Maranhão, juntamente com seu secretário de Educação, Moacyr de Góes, implantando o projeto *De Pé no Chão Também se Aprende a Ler*. Essas experiências educacionais bem sucedidas também incentivaram a criação do novo curso de jornalismo, que era sediado e mantido pela Fundação José Augusto, e tinha como patrono o jornalista e político Eloy Castriciano de Souza.

Tão logo foi criada a faculdade, o governador Aluízio Alves tratou de convidar o jornalista mineiro Luiz Jorge de Azevedo Lobo para dirigi-la. Com experiências consideradas vanguardistas na reformulação do *Jornal do Brasil* e na revista *Senhor*, Lobo dirigiu de forma inovadora a faculdade em seu primeiro ano, sendo responsável também por ministrar a disciplina *Técnica de Redação*. No início do funcionamento, o curso tinha a duração de três anos, mas, a partir de 1969, a grade curricular passou a ser ministrada em quatro anos.

Logo após a sua criação, a Faculdade Eloy de Souza vivenciou a experiência do golpe militar de 1964, quando alunos e professores passaram a ser monitorados e sentiram as consequências do novo sistema implantado no País.



Solenidade de colação de grau da primeira turma da Faculdade Eloy de Souza

Antevendo uma revolução

Em relação às questões acadêmicas, o novo curso de Jornalismo se comportou de maneira correspondente ao ambiente político e social da época. Em clima de inovação, foram criados os jornais *Extra* e *Mãe Luíza*. O *Extra* nasceu como um jornal labora-

tório, que circulava semanalmente pela capital potiguar. Em seus primeiros números, a direção-geral cabia a Luiz Lobo, e o quadro de editores era composto por Carlos Lima, Almeida Filho, Sebastião Carvalho, Roberval Pinheiro, Gilberto Stabili, Celso da Silveira, Ge-

raldo Queiróz, Newton Avelino de Andrade, Gildson Oliveira, Tânia Albuquerque e Xavier Pinheiro. O *Mãe Luíza* também foi uma exitosa ação de extensão, e se colocava como um veículo de comunicação comunitário para o bairro de mesmo nome.



Uma das ações de extensão do curso de Jornalismo, o jornal comunitário *Mãe Luíza*



Programa Xequê-Mate, coordenado pelo aluno Rogério Cadengue



Alunos Pedro de Alcântara, José Santos Diniz e Aldorisse Henriques durante aula prática



Alunos da primeira turma da Faculdade Eloy de Souza no pátio da Fundação José Augusto

Outro fruto da instituição que merece destaque foi o programa semanal de entrevistas *Xeque-Mate*, criado em 1972 juntamente com a implantação da TV Universitária. Segundo o professor Geraldo Queiróz, ex-reitor da UFRN, que foi aluno graduado na primeira turma da faculdade e se tornou diretor do curso no período de 1970 a 1974, “o programa era realizado em um clima de muita informalidade e reunia estudantes, entrevistado convidado e o público expectador no pátio da Fundação José Augusto. A faculdade apoiou a iniciativa e legitimou-a como atividade acadêmica, definindo a participação de professores durante o programa, ao mesmo tempo em que construía a sua grade curricular de forma inovadora”.

Um fato interessante é que, já naquele período, por meio das teorias do canadense Marshall McLuhan, criador da expressão *Aldeia Global*, e pioneiro no estudo das transformações sociais que estavam prestes a acontecer em função das evoluções tecnológicas, antevia-se a criação da internet bem antes de sua existência, mesmo ainda não sendo possível prever os dilemas éticos que essas novas tecnologias nos reservavam.

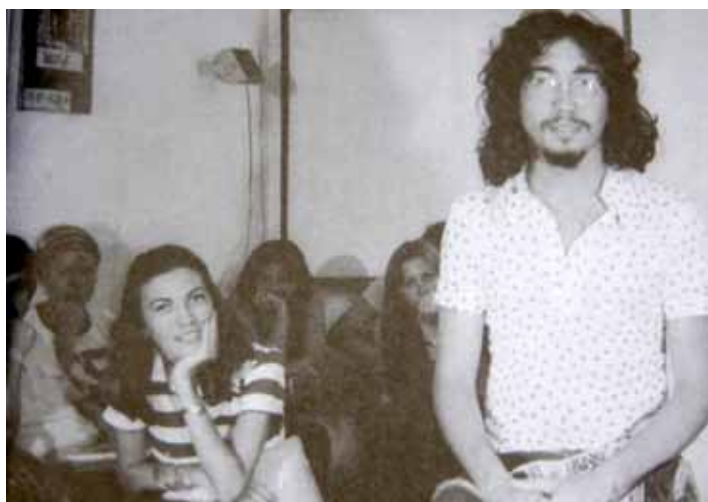


Professor Geraldo Queiróz, coordenador da equipe que escreveu o livro que conta a história da Faculdade Eloy de Souza



Professor Woden Madruga (sentado) em recepção aos alunos concluintes de 1972

Petit das Virgens e outros alunos da última turma que ingressou na Faculdade Eloy de Souza

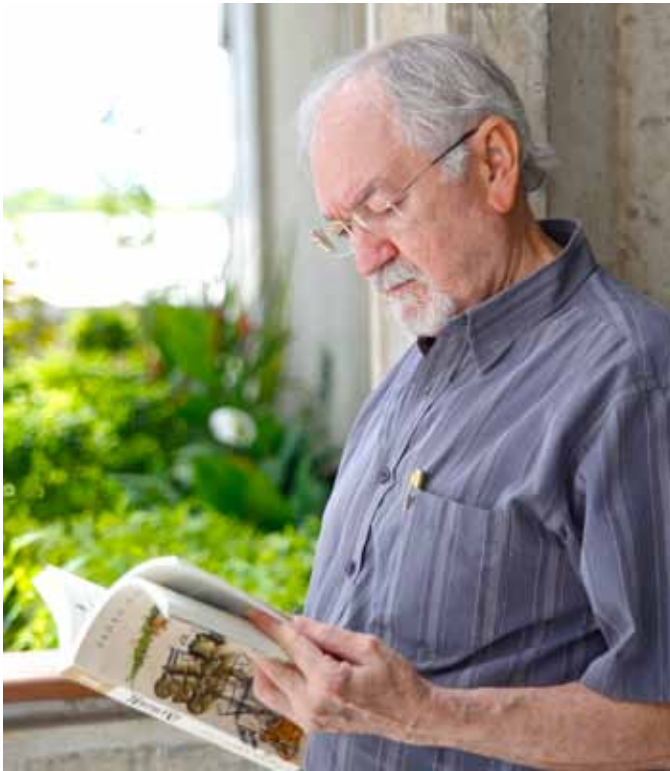


Uma vida breve e intensa

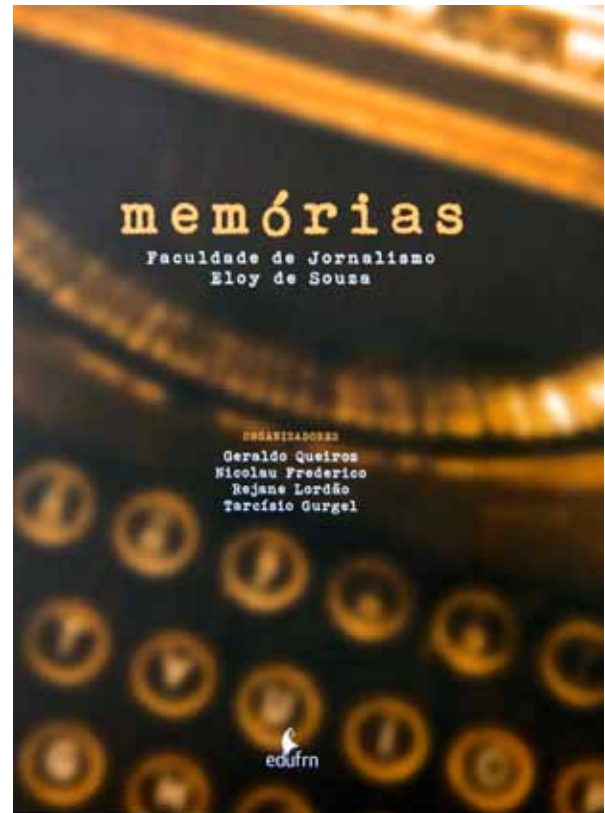
A Faculdade Eloy de Souza teve presença breve, mas marcante no Rio Grande do Norte. Em pouco mais de uma década ingressaram 12 turmas. Foi extinta em 1976, com a criação do curso de Comunicação Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que absorveu as últimas turmas ingressantes. Apesar da existência muito pequena e tendo que enfrentar grandes dificuldades, ela “já se posicionava na vanguarda

de ensino universitário potiguar”, como afirma o professor Tarcísio Gurgel na obra *Memórias – Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza*, que foi coordenada pelo professor Geraldo Queiróz, e conta com a participação de Rejane Lordão e Nicolau Frederico também como organizadores. Neste livro, os quatro autores traçam uma retrospectiva da instituição, desde a sua criação até o período em que foi sucedida pela UFRN.

Um trabalho como este certamente seria também contemplado com a narrativa de situações cômicas ou pitorescas, e em relação a isso, duas histórias são bastante interessantes, a primeira delas diz respeito ao episódio em que o jogador Pelé recusou um convite dos estudantes de jornalismo para participar como entrevistado do programa Xequi-Mate, o fato ganhou repercussão maior, o que gerou inclusive um pedido de desculpas do



Professor Tarcísio Gurgel, aluno da última turma da Faculdade Eloy de Souza e um dos organizadores da obra



Livro Memórias – Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza

atleta, alegando que havia simplesmente acontecido um mal entendido, e que ele não havia se recusado a participar do programa. Em outro momento Tarcísio Gurgel nos conta um episódio no qual o professor Othon Oliveira, em uma aula de taquigrafia, depois de escrever no quadro uma sequência de sinais próprios desta linguagem, indaga aos alunos se haviam entendido o que ele escrevera, de forma sagaz o então aluno Petit das Virgens resolve colocar o professor em uma saia justa e questiona se “ali, no meio – o senhor está vendo? – não faltou colocar um traço, um ponto,

uma maldita curva, que sei eu?”, isso força o professor a admitir um erro que na verdade não existia, o que leva Petit a repreendê-lo: “Mas professor... Errando rapaz?”, e inevitavelmente provoca uma gargalhada geral dos alunos.

Lançado neste ano, em comemoração aos 50 anos da conclusão da primeira turma do curso, o livro apresenta um considerável acervo documental e fotográfico, além de proporcionar valioso resgate histórico e reverenciar quase que poeticamente diversos nomes do jornalismo potiguar. O professor Tarcísio Gurgel fala que “se já era estimu-

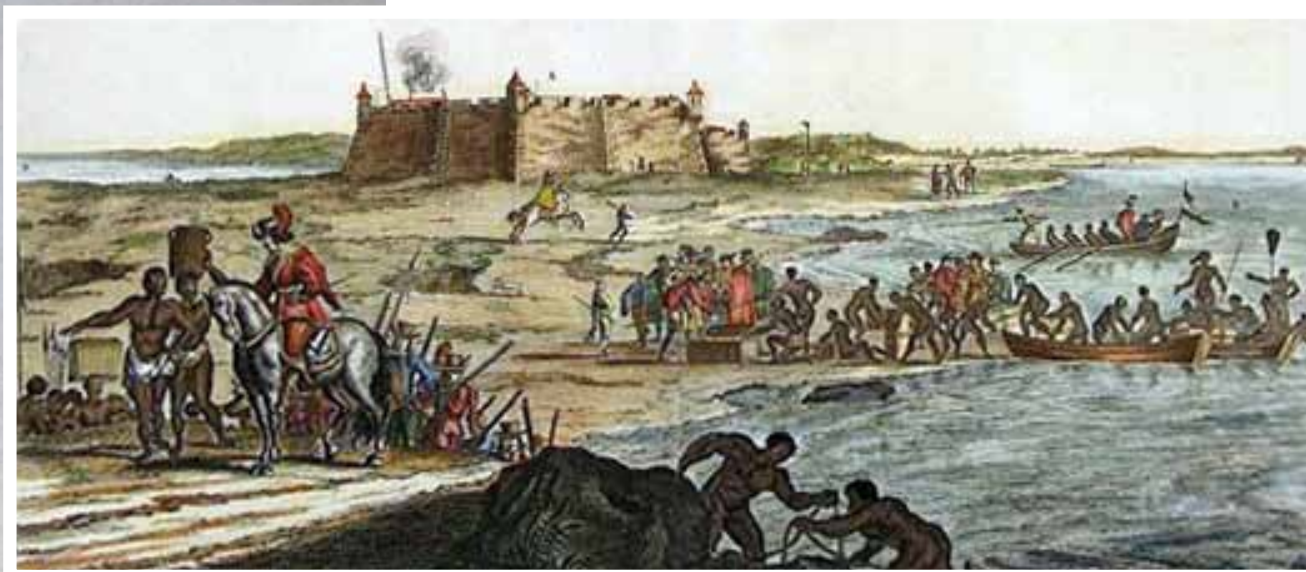
lante ouvir a cada noite professores como Américo de Oliveira Costa, Berilo Wanderley, Othon Oliveira, Woden Madruga, Geraldo Queiróz, Ivonne Barbalho, Cláudio Emerenciano, Almeida Filho, Ana Maria Cocentino. Menor não era o prazer de encontrar colegas como Albimar Furtado, Jorge Batista, Rogério Cadengue, Ricardo Rosado, Vicente Serejo ou tantos outros de extrema riqueza humana e comprovado talento, circulando descontraidamente por aquelas classes de pé direito alto e soalho rangente, de cadeiras desconfortáveis e iluminação assim-assim”.

A influência francesa em Natal

Laços da França com o Rio Grande do Norte existem desde o tempo da colonização portuguesa, foram fortalecidos na Belle Époque e traços da cultura do país continuam presentes

Por Hayssa Pacheco





Recriação da Fortaleza publicada na obra de Caspar Barlaeus, de 1647

OS LIVROS DE HISTÓRIA contam que o Brasil foi descoberto e colonizado pelos portugueses. Até aí não existe nenhuma novidade, mas poucos sabem que a antiga Capitania do Rio Grande, onde hoje é o estado berço de Câmara Cascudo, recebeu várias investidas da França, que aqui estabeleceu comércio com os índios, ainda na época do descobrimento.

“Por quase 100 anos, entre 1500 e 1596, a Capitania do Rio Grande ficou relativamente abandonada pelos portugueses, não existia nenhuma estrutura de colonização efetiva. Portanto, durante

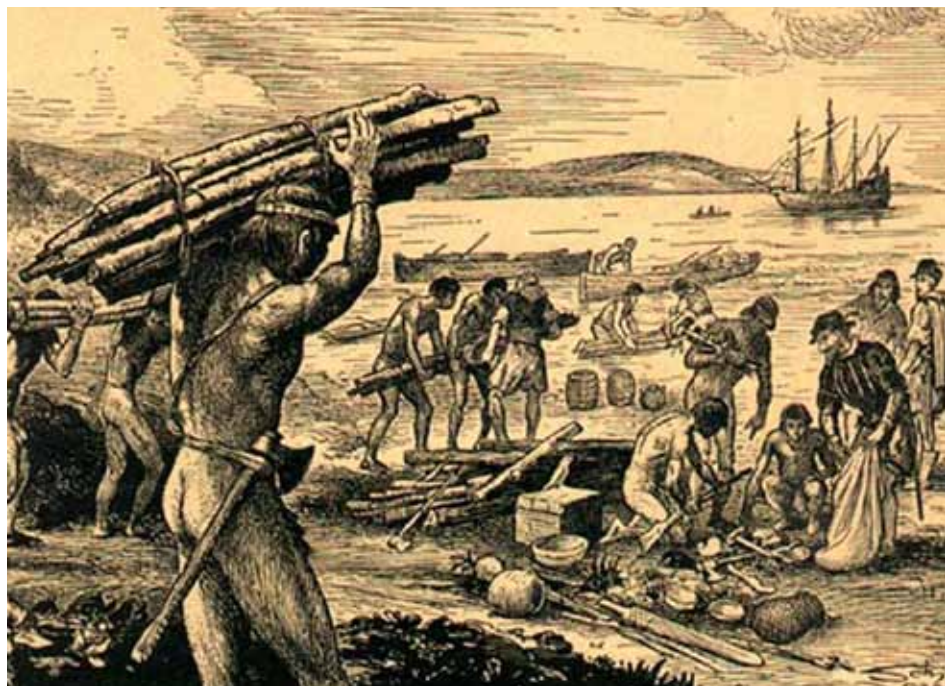
quase todo o século 16, os franceses foram presença frequente”, lembra o historiador João Carlos Rocha, que já estudou e escreveu sobre o assunto.

Essas “visitas” dos franceses ao estado ocorriam porque alguns países da Europa, como França, Holanda e Inglaterra, não reconheciam o Tratado de Tordesilhas, assinado no período da expansão marítima por Portugal e Espanha, estabelecendo a divisão do novo mundo entre as duas nações. O acordo visava solucionar os conflitos sobre o direito de colonização das terras recém-descobertas.

Escambo

Os franceses, que vinham principalmente comercializar com os nativos, levavam pau-brasil, peles de animais, penas, aves e também outros tipos de madeira. Deixavam produtos manufaturados, como espelhos, cordas e facas. Segundo o historiador, essa presença aconteceu fortemente, “no leito do Rio Potengi, onde hoje fica a área da Zona Norte, em Extremoz e no Vale do Rio Ceará-Mirim”.

Entre as heranças deixadas pelos franceses estão alguns topônimos que fazem referência à língua daquele país, como o nome dado à área onde é a Base Naval de Natal, batizada na época de Rifo-les – ou Refoles. A denominação é referente ao corsário francês Jacques Riffault, que aqui esteve negociando com os índios.



Franceses levavam principalmente pau-brasil, peles de animais, penas e aves



Fortaleza dos Reis Magos

Retomada

Com medo de perder o território para os vizinhos europeus, Portugal, durante o período da União Ibérica (quando os lusitanos estavam sem herdeiro ao trono e ficaram sob o governo do rei Filipe II da Espanha), organizou expedições para fortalecer o domínio colonial no Norte e no Nordeste brasileiros.

Um dos marcos desta guerra no Rio Grande foi a construção do Forte dos Santos Reis (Fortaleza dos Reis Magos), de onde partiam todas as ações. Com a expulsão dos franceses do território potiguar, a cidade de Natal foi fundada para mostrar o domínio de Portugal sobre a área.

A Belle Époque potiguar

A grande influência da cultura francesa sobre Natal não vem da época do descobrimento. O historiador João Carlos Rocha lembra que os costumes, a moda e a arte francesas passaram a fazer parte do cotidiano natalense, entre o final do século 19 e início do século 20. “A França exercia uma influência internacional. Não só a elite natalense, mas a mundial, se espalhava pela França em busca de sua arte”.

Considerada a época da beleza, da inovação, da paz e do desenvolvimento dos meios de comunicação, a França era o grande referencial que exportava arte, cultura e comportamento. O período foi marcado por profundas transformações culturais, no modo de pensar e de viver o cotidiano, assim como na indústria, que passava por



João Carlos Rocha, historiador

uma efervescência tecnológica com a criação do telefone, do avião, do automóvel, provocando um reflexo direto no comportamento social.

A França batizou esta fase de Belle Époque (bela época), que compreendeu o período de 1871 e foi até o início da Primeira Grande Guerra, em 1914. A Belle

Époque no Brasil ocorreu entre o fim do Império e se prolongou até o fim da República Velha (1889-1931). “A cultura francesa era adjetivo do processo de modernização para as elites, inclusive a potiguar”, diz o historiador.

Algumas marcas desta época ainda restam na cidade, como a arquitetura do Teatro Alberto Maranhão, que sofreu influência do *art nouveau* francês. “O prédio da prefeitura, embora seja eclético por ter vários estilos em sua construção, mas podemos perceber elementos neoclássicos e do rococó”, enfatiza João Carlos.

Atraídos pela posição geográfica da cidade, ponto estratégico das rotas para a Europa, nesse período, muitos aviadores franceses também estiveram em Natal.



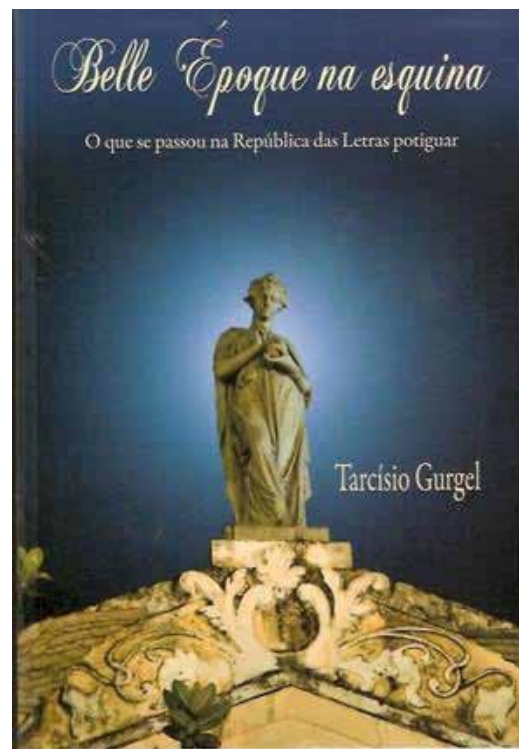
Prédios da Prefeitura de Natal e do Teatro Alberto Maranhão têm inspirações francesas

A “Cidade Nova”

A Belle Époque retratava muito bem a soberania francesa, tanto que Paris era considerada a capital do mundo e exportava seus hábitos até mesmo para cidades tão pequenas como Natal, com apenas 15 mil habitantes. “Ao meu ver, a maior contribuição deste período foi a importância que Natal ganhou. Até então era uma cidade sem charme, sem brilho cultural, não abrigava sequer um centro comercial, este ficava em Macaíba”, lembra o professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) Tarcísio Gurgel, que estudou essa fase em seu dourado, tese transformada no livro “Belle Épo-

que na esquina – O que se passou na República das Letras potiguar”.

As principais transformações na cidade coincidem com o governo de Pedro Velho, ele e outros intelectuais da época, como Alberto Maranhão, Juvenal Lamartine entre tantos, haviam morado no Rio de Janeiro, cidade então governada pelo prefeito Pereira Passos, “que estava promovendo grandes transformações urbanísticas, construindo largas avenidas, como a Rio Branco, removendo morros, aterrando a Baía de Guanabara e também implementando melhorias sanitárias. Tudo isso era baseado no modelo francês que vivia seu apogeu”, explica.



Livro de Tarcísio Gurgel conta sobre a influência francesa no RN



Cine Polytheama. Fachada eclética, e localização tática: vizinho à loja Paris em Natal, na Praça Augusto Severo

Reprodução do livro “Belle Époque na esquina” de Tarcísio Gurgel



Reprodução do livro “Belle Époque na esquina” de Tarcísio Gurgel

Roupas da França eram copiadas no mundo inteiro



Capa de Erasmo Xavier para o primeiro número do jornal Cigarria



Gamão do poder: Ferreira Chaves versus Pedro Velho, observado por auxiliares

Essas ideias foram trazidas por Pedro Velho e com a ajuda do arquiteto mineiro Herculano Ramos, cuja obra sofria influência do *art nouveau*, foi criado a 'Cidade Nova', um bairro moderno, com traçado de ruas largas que mais tarde ficou conhecido como Tirol e Petrópolis. "Várias famílias de pescadores foram retiradas do local para se erguer este bairro. A imprensa oposicionista da época chamava o local de Cidade das Lágrimas", conta Tarcísio. Também foram construídos novos prédios, como o Teatro Carlos Gomes (atual Alberto Maranhão), o Grupo Escolar Augusto Severo (ao lado do teatro), o atual prédio da OAB (onde antes funcionava a Assembleia Legislativa).

Segundo pesquisa de Câmara

Cascudo, as obras de modernização foram baseadas em trabalhos do estudioso italiano Antonio Polidrelli, o qual foi o engenheiro agrimensor da obra e produtor do MasterPlan (ou Plano Mestre, em português) do Município de Natal. Tal plano teria sido o responsável pelo planejamento de avenidas largas e formação de avenidas paralelas, entre as quais se destaca a Avenida Prudente de Moraes e a Floriano Peixoto.

Não foi só a arquitetura que sofreu influência, "surgia uma nova ordem política, social e cultural. Nós saíamos de uma ordem política controlada por coronéis do sertão, para uma prática na qual a elite valorizava a cultura e acreditava no ideal francês de Liberdade, Igualdade e Fraternidade", contextualiza.

A vida social passa a sofrer mudanças com a chegada da energia elétrica, do primeiro cinema da cidade (o Politheama), surgem os primeiros grupos literários, as revistas culturais, como A Tribuna e também A Cigarria, considerada a revista mundana mais importante de Natal. O jornalismo também ascende, muitos escritores aparecem e os próprios governantes integram a vida intelectual da cidade. Muitas festas que lembravam Paris aconteciam na granja do pai de Câmara Cascudo, o coronel Francisco Cascudo, conhecida como o Principado do Tirol. Este modelo social e cultural se prolonga até os anos 30, no governo de Juvenal Lamartine, quando estourou a Revolução de 30.

Francês no sotaque natalense

Na história mais recente de Natal surgiu um celeiro de preservação da cultura francesa no estado. Trata-se da Aliança Francesa, que completa 60 anos no dia 6 de abril de 2017. O tema escolhido para ser trabalhado no ano deste importante aniversário é “A presença francesa em Natal”.

“Nós percebemos a influência da França em muitas coisas na história da cidade, como a presença dos aviadores franceses aqui”, ressalta a diretora da instituição, a francesa Séverine Etchenique.

“Muitas palavras foram incorporadas à língua portuguesa como birô, abajur, sutiã. A quadrilha de vocês também tem forte influência das danças populares francesas, podemos perceber nas marcações como *alavantu, anarriê, balancê*”.

A diretora lembra que a Aliança não é só uma escola de línguas, é uma Associação Cultural Franco-brasileira, onde é estimulada a propagação da cultura francesa fora da França. São desenvolvidas atividades culturais francófonas e também estabeleci-

do um intercâmbio com a cultura das cidades onde as escolas estão instaladas. “Nossas aulas não são simples aulas de língua, são aulas de cidadania, onde procuramos transmitir os valores da cultura do nosso país”.

“A Aliança é dirigida por um francês, mas existe um comitê gestor local que é formado por voluntários. Isso já mostra o amor que os natalenses têm por esta escola. Aqui os alunos se sentem acolhidos”, declara Elvira Santiago, funcionária do departamento financeiro há quase 30 anos.



Fachada da Aliança na inauguração e interior (secretaria)

História

O elo entre a Aliança Francesa e Natal começou quando um grupo de integrantes do Clube Francês, formado por pessoas interessadas na cultura e na língua francesa, solicitou o apoio do então governador do estado, Dinarte Mariz, para requerer junto à em-

baixada francesa a instalação de um núcleo de estudos da língua e da cultura da França na cidade.

O professor Américo de Oliveira Costa, então secretário de Interior e Justiça, assumiu a negociação e em 6 de abril de 1957 foi instalada a instituição

sem fins econômicos, a Aliança Francesa. Já ocuparam o cargo de presidente da escola: Aldo Raposo, Américo de Oliveira Costa, José Valério da Câmara Cavalcanti de Albuquerque, Tereza Maranhão, Gileude Peixoto e, atualmente, Eduardo Gurgel.

Potiguar com alma francesa

Uma paixão no primeiro encontro. O coração do médico José Valério da Câmara Cavalcanti de Albuquerque, 83 anos, foi fisgado pela França quando ele ouviu, ainda muito jovem, uma tia falando francês. “Ele ficou fascinado”, reafirma a sua filha mais velha, a funcionária pública Valéria Dulce de Almeida Cavalcanti. Desde então, ele passou a dedicar parte de sua vida à propagação da cultura deste país no RN. Durante 24 anos foi o presidente da Aliança Francesa de Natal.

O vínculo dele com o país europeu é tão forte que nem o fato de estar com a memória e a locomoção comprometidas, devido ao Mal de Parkinson, o fez esquecer a tão amada França. Todos os sábados, José Valério tem aulas particulares de conversação em francês. “Além de ser um estímulo para a memória dele, também funciona como uma terapia”, diz Valéria.

O médico não se contentou em estudar francês sozinho. Todos os seis filhos e a esposa, Magnólia, também passaram pelas salas de aula da Aliança Francesa. Seu elo com a instituição começou quando ele foi vice-presidente na gestão de Américo de Oliveira Costa. Em seguida, assumiu a cadeira de presidente.

A sua história com a Aliança rendeu um episódio curioso, quando a instituição ainda não



José Valério da Câmara Cavalcanti de Albuquerque na inauguração da nova sede da aliança, em 1992, com o embaixador da França Jean Bernard Ouvrier

“

A Aliança Francesa fazia parte da vida de papai, todos os dias ele passava lá. Era uma extensão de sua vida.”

**Valéria Cavalcanti,
filha de José Valério**

tinha um prédio próprio. Naquela época, o governo francês enviou parte dos recursos para a aquisição da casa onde hoje funciona a escola, mas o montante não era suficiente. José Valério e Manoel Benício, seu vice na época, hipo-

tecaram as suas casas para complementar o valor da compra do imóvel. “Era a casa onde a gente morava, mas ele não disse nada para a família. Nós só ficamos sabendo quando ele pagou a última prestação da hipoteca”, conta Valéria em meio a risos.

Além de sua atividade junto à escola, que tomavam parte de seu dia, ele recepcionava os diretores franceses da escola para jantares em sua casa, falava francês com os filhos, ouvia muita música daquele país e viaja para a França, chegando a ficar três meses seguidos acompanhado da esposa. “A Aliança Francesa fazia parte da vida de papai, todos os dias ele passava lá. Era uma extensão de sua vida”, recorda Valéria.

Escondido era mais gostoso

Em plena revolução sexual, casais procuravam os lugares mais secretos – ou não – para encontros quentes. Em Natal, alguns lugares tornaram-se ícones de namoro na década de 1970

Por Rafael Barbosa

Ilustrações: Brum



OS ANOS MULTICOLORIDOS DA década de 1970 fizeram cabeça e coração da juventude que àquela época se propunha transgressora e libertária. Apesar da forte repressão do regime militar no Brasil, jovens roubaram a cena e abraçaram o protagonismo na cultura, participação política e na irreverência característica da década.

Embalados pelo som psicodélico e pela Música Popular Brasileira dos mais que novos compositores nacionais, muitos deles nordestinos, e também pelas bandas de rock dos Estados

Unidos e da Europa, a rapaziada do Brasil viu surgir e fez parte de um tempo de rupturas de paradigmas nas áreas da moda, música, comunicação, entre outros setores da sociedade.

Naquelas temporadas de calça boca de sino e sapatos com plataforma, jovens dos anos 70 abriram a discussão para temas como a liberdade sexual das mulheres e o enfrentamento e resistência ao regime militar. Com a moda unissex em alta, os cachos emaranhados se misturavam entre homens e mulheres, junto de bolsas a tiracolo e vestimentas de tricô.



Natal nos setentinha

Natal, capital do Rio Grande do Norte, município em expansão naquele período, assistiu a sua juventude viril e ativa ocupar os cantos da cidade e fomentar o surgimento de vários points para a 'curtição com a turma e, sem grilo, rir da cara dos caretas'. Naqueles anos, a imensa rede hoteleira não existia. O saudoso Hotel Reis Magos era a principal hospedagem da capital. O restaurante mais famoso era a Carne Assada do Lira e a pre-

ocupação maior da violência era com os famigerados lanceiros.

As festas nos clubes da capital potiguar estavam sempre lotadas, com as bandas-baile que animavam as noitadas ao som de canções de todos os gêneros. A Assen, a AABB, o Aero Clube e o América lideravam as preferências, com bailes de formatura e festejos conhecidos pela cidade. Os Terríveis, Flor de Cactus, Infernais e Impacto 5 eram os con-

juntos musicais potiguares que dominavam a cena local e disputavam as apresentações nos ainda poucos lugares para a realização de shows.

Mas nem só dos grandes eventos sociais viviam os jovens da Cidade do Sol. Existiam alternativas mais distantes do centro da pequenina capital que atraíam muita gente disposta a aventuras mais furtivas e escondidas dos holofotes da sociedade natalense.



Hotel Internacional dos Reis Magos



Aeroclube



Os Terríveis



Clube Assen



Nos escurinhos da cidade

Moças em plena discussão sobre a autoridade e próprios corpos ainda lidavam com violenta opressão dentro de casa e também na vizinhança. O medo de ficarem faladas na 'boca do povo' depois de um possível flagrante em seus encontros mais lascivos pairava.

Para driblar o falatório maledicente, os casais corriam para os lugares mais distantes dos centros urbanos, que lhes permitissem mais privacidade, mesmo sob a luz do luar e em locais públicos. Nas proximidades do Forte dos Reis Magos, por exemplo, era fácil encontrar os namorados em plena trepidação de hormônios dentro dos mais desconfortáveis automóveis que se tinha naqueles tempos, à beira-mar.

Certa vez, um desses casais, conta-se, ficou em situação delicada após uma noite de amor nas areias da

Praia do Forte. Uma moça conhecida na cidade saiu de uma festa com um rapaz e os dois passaram o resto das horas antes do amanhecer no Fusca dele, na beira da praia. Eles adormeceram e, ao raiar do dia, viram-se nus, expostos à luz solar e aos banhistas que já caminhavam àquelas tantas da manhã.

Outro caso aconteceu envolvendo dois casais. Uma dupla

de amigos resolveu pegar a Kombi do pai de um deles para levar duas cocotas para um passeio que tinha como fim as cercanias do Forte. Os dois casais passaram na Barraca do Cigano, na Praia do Meio, e compraram alguns litros de batida, uma mistura de cachaça com leite condensado, e depois seguiram para o destino final, onde o automóvel serviu de motel.



Amanheceu o dia e, assim como na primeira história, os casais também tiveram uma surpresa. Desta vez da natureza. A maré subiu e arrastou a Kombi, molhando, inclusive, as roupas de seus ocupantes. O carro ficou boiando dentro do mar e pôs os quatro em desespero. Diante da situação, eles então precisaram empurrar o veículo até a parte seca da praia. Após alguns toques na ignição, tiveram o atestado: o carro não iria sair dali. Precisaram pegar um transporte coletivo para ir para casa e, depois, descobriram que o motor havia batido. A Kombi nunca mais andou.

A beira do mar não era o único local escolhido para os jovens que queriam paquerar longe dos olhares de seus familiares. O Hippie Drive-In, a Lagoa de Manoel Felipe, atual Cidade da

Criança, e a boate Piri-Piri também eram pontos de encontro para os namoros escondidos.

Na ainda incipiente Ponta Negra ficava a boate Piri-Piri, logo no início do que era estrada, que levava à então longínqua praia de

veraneio dos natalenses, hoje Avenida Engenheiro Roberto Freire. Regadas a bebidas e dança, as noites por lá eram sempre animadas para a turma.

Foi nessa boate que uma vez, no início da década de 1970,



Praia de Ponta Negra



Atual Cidade da Criança

outra moça que também era afamada na capital foi se encontrar com um *affair* e se viu perante uma descoberta indesejada. O rapaz tinha outra, que estava com ele a curtir a festa dentro da Piri-Piri.

Em um ímpeto de vingança, a traída foi até o lado de fora do estabelecimento procurar o carro de seu desafeto. Encontrou e furou-lhe os quatro pneus. Ela foi embora logo em seguida e não se sabe como foi que o garanhão resolveu o problema para conseguir voltar para sua residência ao fim da festa.

Cheios dessas situações inusitadas e alegremente contadas hoje pelos senhores e senhores que fizeram a juventude daquela época, os anos de 1970 representaram para Natal, assim como para o Brasil, uma fase de experimentação com menos pudor do ardor juvenil.

Escondidinho na mata

Em meio a uma extensa e coberta vegetação ficava o Bosque dos Namorados, hoje Parque das Dunas. Na década de 1970 foi o auge dos namoros à escondida. Os casais chegaram de carro e lá mesmo se entregavam aos prazeres, à noite. Époça em que não existia a insegurança de hoje e não existiam regras escritas para namorar nos veículos, estacionados nas alamedas. Para não chamar atenção e não incomodar os demais ânimos enamorados, os rapazes apagavam os faróis e faziam o 'taxiamento' com a luz dos faroletes.

No antigo Bosque dos Namorados, chamava atenção a obra do artista Etewaldo Santiago, um dos mais importantes escultores potiguarenses (já falecido), que remete a um casal entregue ao beijo apaixonado. Era o símbolo do lugar. Como o passar do tempo, alguns se sentiram incomodados. Assim, a escultura foi transferida para lugar de menos visibilidade. Em 2008, nova mudança. Depois, foi para a entrada, ao lado de uma pequena sala de informações, onde não se sabe informar sobre a história do casal.



Praia de Areia Preta



O beijo, no Bosque dos Namorados, obra do saudoso artista Etewaldo

Foto blog papageirimum

Por amor, com amor

Num belo casarão da chamada “belle époque” natalense funciona uma entidade sem fins lucrativos que salva vidas de crianças. O encanto em formato de rosácea - elemento arquitetônico ornamental usado em catedrais no período gótico – guarda histórias alegres e tristes. Todas comoventes

Por Marksuel Figueredo





A HISTÓRIA DO HOSPITAL que tem quatro mil metros quadrados de área construída começou na sala de uma casa no início do século XX, na Rua Conceição, no Centro de Natal. Foi pelas mãos do médico Manoel Varela Santiago Sobrinho que a instituição nasceu para ajudar a salvar vidas. Tinha acabado de se especializar em pediatria na Europa, e, de volta ao Rio Grande do Norte, deu início ao seu maior ofício.

“Desde o começo, este hospital teve como meta principal atender crianças carentes do estado. Esse era o grande propósito de Manoel Varela”, lembra o diretor-superintendente da unidade, médico Paulo Xavier Trindade, que também já entrou para a história do Varela. Ele está no comando do lugar desde o ano 2000.

Paulo Xavier recorda que o primeiro grande passo desse gigante foi a construção do ambulatório no terreno onde até hoje o hospital segue em pé e traz esperança de vida para centenas de crianças. “Neste espaço, tudo começou com o ambulatório, que hoje inclusive é tombado, e aos poucos o Varela foi crescendo”, diz, satisfeito.

O Varela Santiago foi fundado, não por acaso, no dia 12 de outubro de 1917, quando se comemora o Dia da Criança. Desde então, nunca fechou as portas. As conquistas viriam nos anos seguintes. Em 1936, com a ajuda de pessoas da sociedade e do governo do Estado – na época sob a gestão de Aluísio Alves –, foi inaugurada a primeira Ala Hospitalar.

Sessenta e quatro anos depois, quando pisou no hospital como diretor daquela unidade, Paulo Xavier sabia que estava diante de um grande desafio profissional. “Eu era o vice-presidente de uma empresa, tinha um salário muito bom, mas pedi para sair porque queria me dedicar exclusivamente ao Varela”, diz o médico, completando que não se arrepende da escolha. “É aqui onde eu tenho as minhas vitórias, é aqui onde eu tenho minhas gratidões sinceras das pessoas que se internam no hospital. É a minha vida! Sou chato. Não sei se sou um bom administrador, agora eu sou um bom cobrador. E não é só cobrar dos meus funcionários não, é cobrar do governo do estado, do poder público de uma maneira geral para fazer o Varela andar”.

O desafio para fazer o hospital funcionar é diário. O custo mensal gira em torno de 1,5 milhão de reais. O diretor explica que a verba para o custeio vem do Governo Federal. “Vem de diferentes formas, uma delas é a Rede Cegonha, que é um programa do Ministério da Saúde para atender as mães grávidas e posteriormente os recém-nascidos. Nós não temos maternidade aqui, mas o nosso argumento forte para entrarmos na Rede Cegonha foi que quem nascia em cidades como Extremoz, Ceará-Mirim e São José de Mipibu, em caso de complicações após o parto, não tinha para onde ir. Então eles aceitaram o nosso argumento e recebemos o incentivo”, detalha. O incentivo da Rede Cegonha é de 219 mil reais por mês.

O Varela – como é conhecido o hospital - também tem convênio firmado com o Estado, no valor de 150 mil por mês para o custeio da água, luz e o que sobra é usado na compra de medicamentos. “O município de Natal e o governo do Estado ajudam a pagar também os plantões dos cirurgiões pediátricos. O hospital não tem luxo, vivemos sempre no aperto, mas posso afirmar que o Varela está acima do nível em relação aos nossos atendimentos e serviços oferecidos à população. Esse hospital é 100% SUS e não deixa a desejar em nada”, comemora Paulo Xavier.

São 12 mil atendimentos e 450 cirurgias mensais, além dos internamentos clínicos e tratamento oncológico. Para fazer essa máquina de salvar vidas funcionar, conta com 460 dedicados funcionários. São oi-

tenta médicos, e profissionais como o seu José Givanilson, agente de portaria da instituição há dez anos. “Eu já vi criança chegar aqui debilitada, em uma maca, sem poder andar e depois sair caminhando com as próprias pernas, casos de UTI, crianças desenganadas”, lembra.

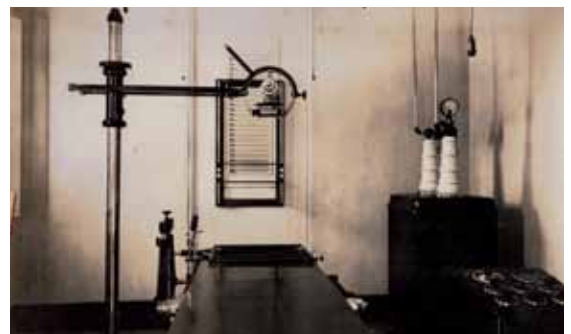
Givanilson conta que em dez anos de trabalho no local ele conseguiu evoluir enquanto ser humano. “Sim, 100%. A gente evolui porque vê de perto o problema do outro. E o outro em questão é uma criança indefesa. Não podemos reclamar da vida, nossos problemas se tornam pequenos perto das histórias que encontramos aqui. A minha filha já se internou aqui com dengue hemorrágica, estive com o quadro clínico bastante complicado, mas graças a Deus ela hoje está bem”.



Fachada do prédio do instituto no dia da inauguração da seção hospitalar



Laboratório de análises clínicas e microscópicas



Seção de Radiologia

Salvando vidas

“Este hospital é muito bom. Eu não conhecia”. O depoimento é de Fernanda de Araújo, 23 anos, sobre o Hospital Infantil Varela Santiago. Ela é mãe de segunda viagem, mas como gosta de falar é ‘uma eterna mãe aprendiz’, depois do nascimento da filha Emanuelle Barbosa, de três anos. “Ela me ensina todos os dias”.

Manu nasceu com hidrocefalia, um acúmulo de líquido cefalorraquidiano na cavidade craniana, que pode provocar o crescimento anormal da cabeça. Há três meses, mãe e filha passaram a morar no hospital, depois que a menina apresentou acúmulo de líquido na barriga. “Ela tinha uma válvula, mas a barriguinha dela ficou bem grande. Eu levei minha filha no hospital achando que eram gases, mas não. O líquido que deveria descer na urina se acumulou na barriga e criou um cisto”, explica a mãe.

A criança chegou ao Varela Santiago no dia 10 de setembro. De lá para cá, passou por duas cirurgias, precisou retirar parte do intestino e chegou a ser internada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). A previsão é de que deixe o hospital em janeiro. “Ela ainda vai precisar passar por mais uma cirurgia para colocar uma nova válvula na cabeça”, conta Fernanda enquanto conversa com a filha. “Precisa engordar, não é, Manu? Você está muito magrinha”. Manu está pesando pouco mais de sete quilos. Mesmo debilitada em cima de uma cama, a mãe diz que é uma guerreira. “Nossa, eu fico sem palavras para falar da minha filha. Ela é uma guerreira e Deus é muito maravilhoso na vida dela”.

Agora a pequena se recupera em um dos 110 leitos do hospital infantil, que é referência no atendimento a crianças e atende pacientes com até 15 anos incompletos de todo o estado. A própria Manu saiu de Nova Cruz, a cerca de 100 km de Natal. “Aqui estamos recebendo toda a assistência que ela precisa, desde o primeiro dia que chegamos”, diz Fernanda.



Fernanda de Araújo, 23 anos, mãe da paciente Emanuelle Barbosa, de 3 anos

Grande família

Dos 110 leitos que o Hospital Infantil Varela Santiago possui, 20 são de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), divididos entre UTI pediátrica (crianças com até 15 anos incompletos) e neonatal (recém-nascidos). O diretor Paulo Xavier diz que uma criança sempre chega acompanhada de alguém da família, geralmente as mães. “O Varela presta atenção não só ao paciente, como também ao acompanhante. Temos a Casa de Apoio Nazinha Lamartine, que é justamente para dar toda a atenção a mãe que chega ao hospital acompanhando o seu filho ou sua filha”.

A Casa Nazinha Lamartine funciona na parte de trás do Varela, onde por dia cerca de 110 mães fazem as refeições. “A casa abriga os nossos voluntários e as mães que têm os filhos internados no hospital. Elas fazem as refeições, tomam banho e temos seis dormitórios. Agora em 2017 nós vamos colocar a casa abaixo e construir um novo prédio de três andares, bem mais amplo, com 40 dormitórios. Nas Olimpíadas, vendemos camisetas para levantar a verba. Conseguimos apenas 80 mil, foi pouco, mas acredito que com o apoio da população, com doações, vamos construir esse sonho juntos”, acredita o diretor do hospital.



Ações como orações e música buscam humanizar o ambiente hospitalar



Equipamentos do Varela Santiago são de alta tecnologia

Paulo Xavier fala sobre outro grande sonho. O desejo dele é construir um pronto-socorro no hospital. “É o que nos falta aqui. Dizem que é uma loucura, mas eu nem vou enlouquecer e vou construir esse pronto-socorro. Quando eu falo nesse atendimento de pediatria, estou me referindo ao local onde a criança vai ser atendida em uma urgência e dali ela sai curada. Não quero que ela chegue aqui e me digam que ela precisa de uma tomografia e empurrem para o Walfredo [Hospital Estadual Monsenhor Walfredo Gurgel], ou que precisa de uma ressonância e tenha que mandar para Liga (Contra o Câncer). Eu quero que a criança seja atendida no Varela Santiago”, enfatiza.

Além da verba do governo federal usada para custear os gastos, o hospital sobrevive de doa-



Dr. Paulo Xavier, diretor do hospital, que doa a vida pelo lugar

ções. “Tanto a reforma da Casa Nazinha Lamartine como a construção desse pronto-socorro dependem da ajuda da população. A verba do governo dá somente

para manter o hospital, qualquer obra extra precisamos contar com a ajuda de pessoas que se importam com essa causa, e são muitas. O Varela é uma família”.

Ajude

Existem várias formas de ajudar o Hospital Infantil Varela Santiago. Como voluntário, como colaborador e por meio de doações. O hospital possui uma central de doações que funciona de segunda a sexta, das 7h às 17h. O telefone da central é o 3209-8235. Todas as maneiras de ajudar também estão disponíveis no site da instituição, no qual há o Portal da Transparência, que expõe todos os recursos e aplicações: <http://hospitalvarelasantiago.org.br/>.





Simple desejo

Artista potiguar de coração,
Camila Matoso desponta
no The Voice Brasil

Por Lissa Solano

Fotos: Diego Batista e Alice Venturi

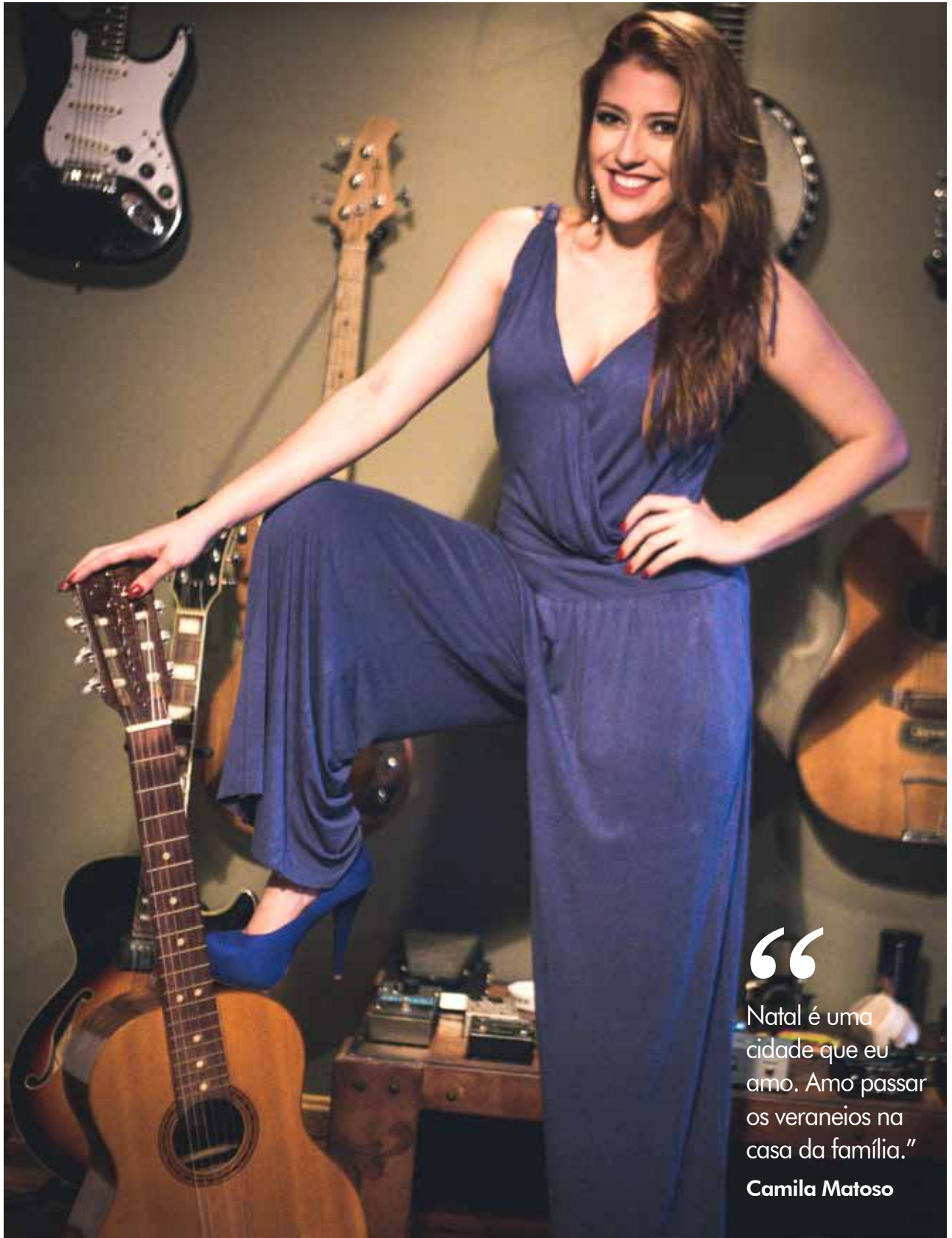


“QUE TAL, ABRIR A porta do dia, entrar sem pedir licença...” foi cantando esses trechos da música “Simples Desejo”, de Luciana Mello, que a carioca de coração potiguar Camila Matoso encantou telespectadores que assistiram ao *reality* The Voice Brasil, da Rede Globo, logo na primeira audição. Os trechos cantados por sua voz mansa fizeram-se verdade. As portas do sucesso foram abertas para a moça ruiva de 23 anos, de jeito doce, elevada simpatia e presença marcante. “Eu sempre quis ser artista, viver de arte. Danço desde pequena e amo cantar. Participar do The Voice foi a maior emoção que eu senti na vida. E isso aconteceu no momento certo”, explicou a cantora em entrevista a Bzzz, durante curta temporada de descanso na casa da família em Natal, capital do Rio Grande do Norte.



Entre Natal e Rio

Camila Matoso nasceu no Rio de Janeiro (RJ), mas morou em muitos lugares devido a profissão do pai, Adilson, que é piloto. Desde o primeiro ano de vida até os oito anos viveu em Natal, onde ainda passa veraneios e mantém forte ciclo de amizades desde a época em que estudava na Casa Escola. Foi na capital potiguar também que Camila descobriu que queria seguir a carreira de cantora e de atriz. Aos 18 anos, passou no vestibular de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e resolveu cursar a faculdade. Na época, seus pais já moravam em Petrópolis (RJ) e ela ficou morando na vila onde tios e avós moram até hoje, localizada no bairro de Petrópolis – divertida coincidência – em Natal. “Logo que entrei no curso de odontologia, iniciei uma banda com amigos. O nome era ‘TPM’. Chegamos a fazer alguns shows, mas nada que marcasse a nossa vida. Ou melhor, marcou a minha, porque foi ali que vi o que realmente queria fazer. Quando minha mãe me ligava para saber o que estava achando da faculdade, falava poucos minutos sobre o curso e mudava o assunto para falar da banda, por horas”, relembra Camila. Foi então quando Camila abandonou o curso da área da saúde e partiu para fazer Artes Cênicas na capital fluminense. «Natal é uma cidade que eu amo. Amo passar os veraneios na casa da família em Tabatinga (litoral sul do RN). Vir aqui é sempre um motivo de alegria e boas lembranças, onde estão as pessoas que mais amo, minha família e alguns amigos», comenta.



“

Natal é uma cidade que eu amo. Amo passar os veraneios na casa da família.”

Camila Matoso



Palcos e The Voice

Com 19 anos, em um sarau no Rio de Janeiro, a artista subiu ao palco pela primeira vez. Hoje, Camila Matoso já é voz conhecida em diversos bares e festas. Um fato relevante sobre sua carreira é que ela já fez parte de um movimento inspirado nos Novos Baianos, quando dividiu uma mansão com outros 19 artistas e, juntos, compuseram 51 canções. Além de cantar solo, ela faz parte da banda Ê saudade!, que toca músicas de “axé retrô”, como define, com canções que foram hits nos anos 1990. “A gente já se apresentou no carnaval do Rio para mais de 100 mil pessoas e foi sensacional. Eu me emociono toda

vez que vejo o público dançando e cantando junto. No nosso repertório tem música do Ê o Tchan!, Daniela Mercury, Ivete Sangalo... Não dá para ficar parado”, festeja.

A primeira impressão de quem vê os cabelos de cor viva e a personalidade forte de Camila Matoso no palco é de que a cantora siga uma linha mais rock. No The Voice Brasil, ela chegou a cantar músicas pops internacionais e foi revelada no programa cantando MPB. Curte pop e axé e seus ídolos são as baianas Ivete Sangalo e Cláudia Leitte.

“A primeira vez que eu vi Ivete e Claudinha de perto não me cabia de felicidade. É muito espe-

cial poder ser orientada pelos seus maiores ídolos. Isso já valeu a minha participação no programa”, desmancha-se. Ela revela que o The Voice mudou a sua vida de imediato: “É impressionante a velocidade com que as coisas mudam. No dia em que eu apareci na televisão fazendo a audição, meu celular travou devido ao número de mensagens que recebia. Além de possibilitar que você conheça muitas pessoas e abrir muitas portas, faz com que você tenha segurança de subir ao palco. Eu me cobro muito e sou muito perfeccionista. A própria Claudinha me ajudou muito, ensinando a respirar bem e entrar



confiante no palco, fazendo deste momento um grande prazer”.

Camila Matoso comenta também que sua família, especialmente a sua mãe, Cristina Matoso, também são apoio importante neste momento de fama. “Minha mãe me ajuda muito a não ter medos. Ela diz: não tenha medo, porque o medo atrai. Mas, tenho medo de que aconteça algo que me impeça de cantar”, diz Camila. Foi exatamente esse amor pela música, revelado por meio do seu pedido “eu quero cantar, por favor, me deixa cantar”, durante a primeira audição, que Camila chamou a atenção dos jurados. Após o programa, a menina dos Rios sonha em fortalecer o seu sucesso e ganhar os palcos do País.



Artur MeninecGshow

Camila Matoso amparada por Tiago Leifert na segunda noite de Batalha



Feliz Natal?

Final de ano provoca reflexões diversas nas pessoas, sobre as quais psicólogas advertem: "o autoconhecimento é fundamental"

Por **Octávio Santiago**

Fotos: Cícero Oliveira e Sergio Freire Filho



ESCREVEU FERNANDO TEIXEIRA

DE Andrade: “Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

Se fosse possível traduzir em palavras poéticas, o sentimento da constatação de que mais um ano está chegando ao fim, com os panetones à venda e a decoração natalina já posta, talvez esse pequeno trecho de “Tempo de Travessia” representasse o que muitas pessoas sentem. Fernando tem razão: a vida é um eterno ciclo de morte e renascimento. Porém, há os que se lançam a renascer e aqueles que se prendem ao término.

As imposições sociais são muitas e as cobranças delas resultantes parecem camufladas ao longo do ano e mais evidentes quando o calendário marca dezembro. Imposições para se ter sucesso, atingir metas, ser “obrigatoriamente” feliz, estar em harmonia com todos, amando e querendo bem. Tudo isso latente justamente numa época do ano em que sentimentos negativos são “proibidos”.

Entre todos os outros profissionais, um tem sido significativamente lembrado nesse período, em especial por aqueles que não estão à vontade com a ideia de vivê-lo. Trata-se do psicólogo. Sim, o que se observa nos consultórios de psicoterapia de Natal é um aumento considerável na demanda, com destaque para os últimos meses do ano. Esse fenômeno fica ainda mais evidente considerando o estereótipo da festa natalina.

Quem relata o fato é a psicóloga Taciana Chiquetti. Ela conta que o Natal está associado à aproximação da família, contudo, nem todos estão próximos de parentes e amigos, geograficamente ou emocionalmente. Além disso, muitas pessoas se angustiam por não terem cumprido suas metas. Há outros, diga-se, que sequer tiveram metas. Por essas razões, segundo Taciana, os meses finais do ano trazem à tona sentimentos diversos, reclusos nos recônditos da alma.

“Nessa época, as pessoas sentem a necessidade de fazer um balanço de suas vidas, ponderando o que deu certo e o que deu errado, segundo seus critérios. Também ficam mais mobilizadas emocionalmente com as festas que remetem aos relacionamentos familiares e aos objetivos para o próximo ano. Então, procuram a terapia, que é um bom caminho para que consigam lidar com seus medos, frustrações, angústias, mas também quando desejam mudanças”, observa a psicóloga, que atende pessoas das mais diversas idades, em busca desse autoconhecimento tido como fundamental.

Para a também psicóloga Débora Diógenes, o final do ano é um momento de introspecção. Como ela explica, o Natal é uma comemoração que mobiliza muitas pessoas, principalmente quando há conflitos no contexto familiar, pois proporciona um resgate dos laços que, muitas vezes, estão permeados por mágoas, necessidades de perdão e reaproximações. “Isso toca as famílias de uma forma profunda. As pessoas ficam mais sensíveis e é preciso lidar com esses sentimentos”, comenta a profissional.





Taciana Chiquetti, psicóloga, explica a sensação

Proibido sentir

Uma das maiores dificuldades das pessoas, hoje em dia, de acordo com as duas psicólogas, é sentir. Algo tão simples e inerente ao ser humano, mas que ainda constitui um tabu, já que vivemos em uma sociedade que valoriza o racional como recurso mais eficaz e sublime do que a intuição e a capacidade de empatia.

“Desde cedo somos encorajados a dar mais importância ao que pensamos do que ao que estamos sentindo. Expressar nossas demandas emocionais na forma de carinho, choro ou mesmo dizendo como nos sentimos não é algo

tão aceito. Então, reprimimos isso. Porém, esta atitude pode repercutir em sintomas emocionais, e até físicos, que nos aprisionam internamente e afetam diretamente nosso mundo externo”, explica Taciana Chiquetti.

Em “Revelação”, uma composição antiga, o cantor Fagner deu a dica com conteúdo bem atual: “Sentimento ilhado, morto e amordaçado volta a incomodar”. Dessa forma, amordaçando o nosso sentir, encarar datas como o Natal pode significar, de acordo com as profissionais, muita angústia para algumas pessoas.

Ainda segundo elas, não há frases mais corrosivas à saúde emocional de alguém do que as comuns “engula o choro” ou “não chore”. Débora Diógenes conta que muitos repetem essas afirmativas pensando estarem tomando uma atitude educativa ou evitando a tristeza, mas reprimir sentimentos pode causar estragos no futuro.

“Parece que vivemos em um contexto que é proibido chorar, é criminoso ficar triste, é ultrajante querer se recolher, principalmente no Natal. De forma geral, as pessoas se desconsertam ao ver outra derramando lágrimas e, de pronto, querem estancar aquele líquido como quem controla uma hemorragia. Os lenços são oferecidos a todo o momento, porém poucos têm a coragem de dizer ao outro: ‘chore: as lágrimas precisam rolar’”, esclarece Taciana.



Sérgio Freire Filho

Psicóloga Débora Diógenes explica que é um momento de introspecção





“

As emoções precisam rolar. As emoções precisam ser aceitas e ter espaço dentro das pessoas”.

Taciana Chiquetti, psicóloga

Chorar também faz bem

Como explica as psicólogas, as lágrimas têm sua função e devem correr livremente para desempenharem seus papéis, porque “são singulares”. Não que os lenços não sejam bem-vindos ou que as frases ditas não tenham seu lado bom, especialmente quando surgem de um ser amado e com uma entona-

ção carinhosa, mas chorar de peito aberto, segundo elas, é tão reparador quanto uma boa gargalhada.

“As emoções precisam rolar. As emoções precisam ser aceitas e ter espaço dentro das pessoas. Somos seres multidimensionais: somos corpo físico, mental, energético, emocional, espiritual. Como

uma boneca russa, temos diversas camadas até chegar a nossa essência (a menor bonequinha), que constitui o resultado de um trabalho de autoconhecimento dedicado, que vale muito a pena», defende Taciana, que complementa: “Não só próximo ao Natal, mas sim de forma perene”.

Nem só de lenços

Quem pensa que fazer terapia se resume a exaurir caixas de lenços, engana-se. Investir em conhecer a si mesmo também significa, além de “colocar as dores para fora”, buscar uma vida mais produtiva, assertiva e identificar e desenvolver os próprios recursos e talentos. Foi assim com a estudante Camila Furtado, que decidiu deixar as angústias, mais acentuadas durante o Natal, no divã.

“A psicoterapia tem esse sentido de nos empoderar, nos faz reconhecer nosso valor. Eu, além de fazer a minha terapia, sempre indico aos meus familiares e amigos, pois acho que a busca por autoconhecimento é

mais que um ato de coragem, é um ato de amor”, avalia Camilla, que faz acompanhamento psicológico e sente muito mais encorajada para administrar sentimentos e planejar o ano que está por vir quando “jingle bells”.

Afirma Camila: “O autoconhecimento foi fundamental para eu viver melhor. Tendo consciência de como eu sou e dos recursos internos que disponho, passei a ter muito mais condições de suplantar dificuldades”. As palavras da estudante casam com o pensamento de Débora Diógenes e Taciana Chiquetti de que “quando isso acontece, somos muito mais inteiros e fieis a nós mesmos”.

Segundo elas, é aí que paramos de viver no automático e atribuímos sentidos verdadeiros às nossas condutas, aludindo a um questionamento de Carl Jung: “Você prefere ser inteiro ou bom?”.

De acordo com o Conselho Regional de Psicologia (CRP-RN), existem 2.793 psicólogos no Rio Grande do Norte e cada vez mais a imagem social desses profissionais vem mudando. O velho e preconceituoso paradigma de que “não vou ao psicólogo porque não sou doido” cede espaço para a busca de recursos da Psicologia com o objetivo de se obter mais qualidade de vida.





Metas 2017

Estabelecer metas é importante, afirmam as psicólogas Taciana Chiquetti e Débora Diógenes. A estudante Camila Furtado, por exemplo, já listou as dela. Mas, as profissionais advertem: “Precisamos investigar o que faz sentido para cada um, o que faz nosso coração vibrar nas diversas áreas da vida”, esclarece Débora. As metas, portanto, precisam ser específicas, mensuráveis, atingíveis, relevantes e com tempo estipuláveis.

Sobre a rigidez das metas, Taciana faz uma ressalva: “É

importante ter claro também que podemos mudar nossas metas ao longo do caminho. Ter meta é ter um ‘norte’ e não uma cobrança rígida. Também precisamos saber reavaliá-la quando necessário e termos a flexibilidade de abrir mão e traçar novas possibilidades”, observa.

Débora conta que, diferentemente do Natal, o réveillon é visto como um rito de passagem de um ciclo que se encerra e outro que se inicia. “Se esse ciclo que se encerrou foi bom, há uma espec-

tativa para que o outro seja ainda melhor. Se esse ciclo não foi bom, é jogada toda a esperança para que o novo ciclo que se inicia possa ser transformador e promissor. É um momento de autoavaliação e reflexão das promessas que cada um faz a si mesmo», analisa Débora, ao que Taciana arremata: “Sempre estamos sendo convidados pela vida – gentilmente ou não – a deixar de ser quem fomos e a passar a ser quem somos e a mudança de ano é um ótimo momento para refletir sobre isso”.

QUANTO RISO, QUANTA ALEGRIA



Memórias do Clube América, que movimentava a sociedade natalense nas décadas de 60, 70 e 80, local de blocos carnavalescos e parada de famosos que procuravam a capital potiguar para diversão

Por Rafael Barbosa

Fotos: Paulo Oliveira e divulgação



NO FINAL DA DÉCADA de 1960, Natal, capital do Rio Grande do Norte, ganhou uma luxuosa sala de visitas para receber eventos de maior porte e reunir a sociedade local em grandes festas. Era a Sede Social do Clube América, que ficou pronta em 1967, mesmo ano em que o time levou para a Avenida Rodrigues Alves a taça de campeão estadual, após a final vencida contra o Riachuelo do ídolo Marinho Chagas.

Cercado de saudosismo pelos frequentadores, o lugar é um patrimônio da memória afetiva da cidade, onde foram realizados diversos carnavais históricos e festividades pomposas da elite, até a década de 1980. O amplo espaço com dois salões de baile apareceu como um cartão de apresentação.

As domingueiras em dias de sol na piscina reuniam as famílias natalenses em uma grande confraternização semanal. Havia shows de samba e, naquele tempo, era comum os banhos de piscina em clubes. Era o programa em família nos fins de semana.

Também tinha encontro aos sábados. Ex-presidente do clube, Eduardo Serrano da Rocha lembra que os banhos coletivos de piscina eram comuns porque as casas não dispunham dessa estrutura, isso em meados dos anos 70. “O América era o epicentro. O encontro da juventude da elite natalense”, conta.

Naquela época, a cidade ainda pequena e sem muita estrutura passou a ter um clube que não ficava para trás quando comparado a equipamentos de fora do estado. De imediato o local passou a sediar os principais eventos que aconteciam em Na-

tal, desbancando os já decadentes Aeroclube e a sede do ABC Futebol Clube, que funcionava onde atualmente está instalado o CCAB Petrópolis.

Todos os dias, a partir da terça-feira, tinha evento festivo no clube. O encerramento da semana, no domingo, era com a matinê, uma festa que ocorria à noite, apesar do nome, e durava até meia-noite. Com orquestra de grande destreza musical, conduzida pelo pianista Waldemar Ernesto, os festejos por lá eram sempre disputados até por quem não era sócio.

Dada a estrutura do clube, o espaço ganhou respeito e che-

gou a receber grandes nomes da música, como a cantora de jazz Flora Purim, que no final dos anos 60 passou uma temporada na cidade para se apresentar nas noites do Clube América.

A sede social também era lugar para a realização dos bailes de debutantes, convenções políticas, casamentos, festas beneficentes, formaturas universitárias, grandes shows, como os de Chico Buarque, Benito de Paula e Clara Nunes, além das manhãs com samba aos sábados e domingos, e do funcionamento normal do clube, quando havia competições nas piscinas e quadras esportivas.



Sede ficou pronta em 1967 e tinha entre os seus grandes sucesso a piscina do clube, que era frequentada pelas famílias aos finais de semana



“O América tinha as manhãs de sol, onde todos os sócios passavam o dia na piscina, brincando, namorando, fazendo amizades. Era bom demais, maravilhoso”, lembra a funcionária pública Magda Medeiros, que integrava também o bloco Puxa Saco, uma das troças que desfilavam no clube durante o Carnaval.

Nos aniversários de 15 e 18 anos das filhas de famílias tradicionais de Natal, os patriarcas montavam grandes comemorações para apresentá-las à sociedade, costume comum à época. Os bailes sediados no Clube América eram recheados de opulência e as moças se vestiam com roupas de alta costura, encomendadas até de fora do Rio Grande do Norte.

O local era bastante frequentado também pelos aviadores da Aeronáutica, que vinham



Fachada atual do Clube América (acima) e complexo construído ao redor chamado “Espaço América”, com academia, salão de beleza e lojas

ao Estado concluir o curso de piloto militar. Aspirantes de todo o Brasil se reuniram para as farras nas noites do clube, onde se iniciaram vários romances. Muitos dos militares resolveram fixar residência na capital do RN depois de casarem com mulheres potiguares.

Vários natalenses também foram ao matrimônio depois

de se conhecerem nas festas do América. O clube era o local de encontro dos jovens da elite da cidade, onde, nos tempos em que havia muita vigilância de pais e mães preocupados, era a oportunidade de flertar e iniciar relacionamentos amorosos. “Beijei muito na boca nas domingueiras do América”, recordou, gargalhando, Magda Medeiros.

O carnaval, o carnaval, o carnaval

Além de toda a programação que acontecia no Clube América rotineiramente, existia uma celebração em específico que coroava todo o ano de festas realizadas no clube. O Carnaval. “Enquanto teve América, teve sucesso no Carnaval”, recorda o ouvidor-geral Igor Ribeiro Dantas, auditor da Companhia de Águas e Esgotos (Caern) e ex-secretário de Turismo de Natal.

Fundador do bloco Saca Rolha, ele viveu os anos dourados da sede social do clube, em meio a troças e desfiles carnavalescos. Depois de sua inauguração, o América passou a ser o point do carnaval da capital.

Os blocos que já existiam se multiplicaram e se apresentavam em desfile salão adentro, um dos momentos mais esperados da festa de momo. Nesse tempo se consolidaram os blocos Kuxixo, Ressaka, Jardineiros, Jardim da Infância, Saca Rolha, Puxa Saco, Bakulejo, Arrocho. Os grupos começavam e encerravam os dias de carnaval com festas no clube.

Igor Ribeiro Dantas lembra que em meados dos anos de 1970, no auge do América, o carnaval chegou a reunir oito mil pessoas por lá. “Os dois salões ficavam lotados e também as quadras na parte de trás”, conta.



Blocos carnavalescos se confraternizavam no clube após desfiles pelas ruas de Tirol e Petrópolis

Micarema

Foi nessa época que, segundo o servidor público Iven Bezerra, folião do bloco Bakulejo, surgiu a Micarema, no Sábado de Aleluia. Era uma espécie de micareta em pequenas proporções. “Que depois se adaptou para o que hoje é a micareta, o carnaval fora de época”, explica.

De acordo com Bezerra, a estrutura do clube e a fama do carnaval que pelo salão desfilava corria o Brasil, atraindo para Natal algumas celebridades nacionais. “Durval Lélis (cantor de Axé que era integrante da banda Asa de Água) e o ator Raul Cortez brincaram carnaval no América, por exemplo”, afirma.

“Só existiam quatro modelos de carnaval no Brasil: o carnaval de rua de Olinda, aquele no estilo de Salvador; as escolas de samba no Rio de Janeiro e o desfile alegórico em Natal. Por isso muita gente vinha para cá”, complementa Iven Bezerra.

Igor Ribeiro conta com saudosismo como os blocos carnavalescos se apresentavam no Clube América. Ao chegarem à sede, os grupos de jovens paravam os carros enfeitados com alegorias na porta e entravam em desfile pelo salão, com orquestras e entoando músicas para animar quem ia prestigiar o evento.

Para entrar no América só sendo sócio, conta Iven Bezerra. “Eles cobravam entre 70% e 80% da anuidade para os não sócios, era



Igor Ribeiro Dantas, fundador do bloco Saca Rolha

“

Durval Lélis (cantor de Axé que era integrante da banda Asa de Água) e o ator Raul Cortez brincaram carnaval no América, por exemplo.”

**Iven Bezerra,
servidor público**

muito caro”. Mas havia quem quisesse burlar as regras. “Aí tem as histórias com o famoso segurança Bernardão, que são muitas”.

Nem Igor, nem Iven e nem Magda vão poder voltar no tempo, contudo, não se cansam de lembrar com felicidade dos anos de alegria durante a juventude vivida entre as celebrações que marcaram época no clube.

A Sede Social do América abrigou não somente os festejos, mas parte da história de Natal. Entre recordações de brilho, cetim, paetês, luxo e papel picado, o clube passeia pelo imaginário do natalense que viveu suas décadas de glória, e as memoráveis festas que por lá aconteceram sempre serão motivos de gargalhadas em lembranças de saudade.



CURIOSO CASO DO RIO MOSSORÓ

Salinidade do segundo maior rio potiguar é o dobro do mar, revelam estudos de pesquisadores do Brasil e dos Estados Unidos

Por **Leila Braga**

Fotos: Gilvan Xavier



O APODI-MOSSORÓ, SEGUNDO MAIOR rio potiguar, é banhado por singularidades e curiosidades. Também por poluição. O curso de água nasce na serra de Luís Gomes, passa pelos municípios localizados na Chapada do Apodi e, depois de banhar a cidade de Mossoró, deságua no Oceano Atlântico, entre Grossos e Areia Branca.

Também chamado de Rio Mossoró (em Mossoró) e Rio Apodi (em Apodi), atrai a atenção por diversos fatores. O primeiro deles é que, em recente pesquisa, foi considerado um dos rios mais salgados do mundo, onde é possível encontrar até o dobro do nível de salinidade encontrada no mar. A média da salinidade dos mares do mundo é de 35 g/kg e, no Rio Mossoró, é possível encontrar nível de salinidade de até 70. O normal em rios é que na “boca”, na parte de saída para o mar, a salinidade seja de 35 e este nível diminua gradativamente até atingir o 0 (água doce). A alta salinidade do Mossoró foi encontrada em regiões nas quais se esperava um nível bem mais baixo.



Ponte sobre o Rio Mossoró



Pesquisa Brasil e EUA

Interessados por essas significativas diferenças, os pesquisadores Arnoldo Valle-Levinson, da Universidade da Flórida, e Carlos Schettini, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), escreveram, em 2015, um artigo sobre o curioso Rio Apodi-Mossoró. No artigo, intitulado “Mudança quinzenal de condutores de fluxo residual em um semiárido tropical” (tradução livre), os acadêmicos explicam as diversas curiosidades encontradas no rio. O Mossoró é estuário tropical, um dos 12 existentes ao longo da costa dos estados do Ceará e do Rio Grande do Norte, e possui 210 quilômetros de extensão.



Arnoldo Valle-Levinson, da Universidade da Flórida, e Carlos Schettini, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



Doutorando em Oceanografia na UFPE, Ernesto Domingues, que participou da pesquisa, explica que o que chamou a atenção foi o fato de ser um rio que funciona “ao contrário”. Geralmente, os rios exportam água para o oceano, e o Mossoró faz o oposto, importa água do mar. Sobre o motivo pelo qual os autores do artigo referem-se ao rio como “estuário”, Ernesto explica a diferença entre as duas terminologias: “O estuário é a região do rio que sofre influência oceânica e neste ela está presente quase em sua totalidade”.

O alto nível de salinidade pode ser relacionado a alguns fatores. Um deles é a alta incidência solar encontrada na região do Rio Grande do Norte, o que promove a evaporação e deixa as



Ernesto Domingues, doutorando em Oceanografia na UFPE

águas com maior concentração de sal. No entanto, o fator principal é a existência de uma possante indústria salineira ao longo do rio, e esses empreendimentos costumam retornar grande quantidade de água hipersalina de volta ao estuário. Essa não é a única in-

fluência da indústria salineira no rio, uma vez que os pesquisadores constataram que boa parte passou por dragagem, ou seja, remoção de material do fundo para aumentar a profundidade e assim possibilitar que balsas de sal trafeguem pelo seu leito.



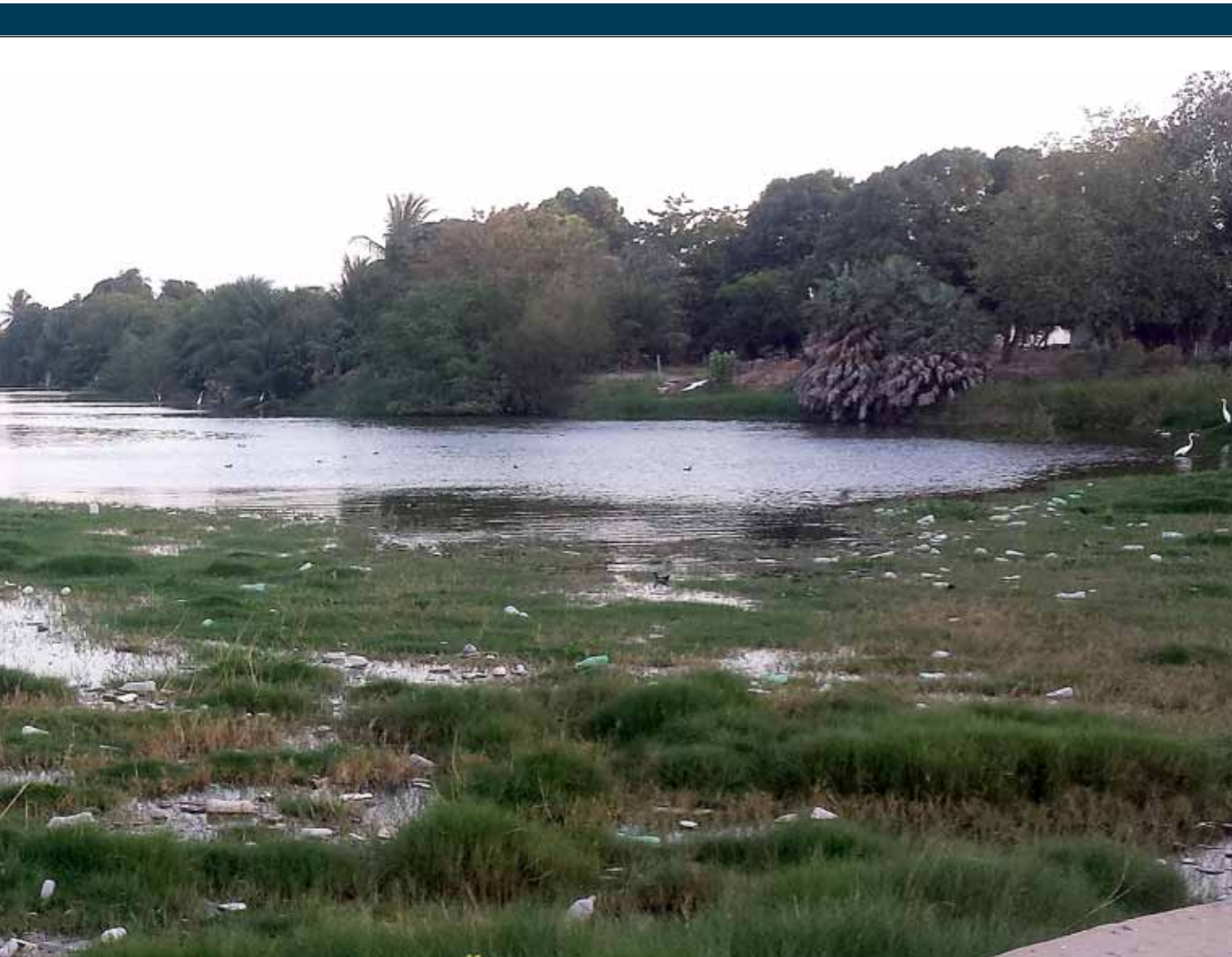
Poucos peixes

Formado em Engenharia de Pesca, Ernesto Domingues conta que, durante a pesquisa, interagiu com os pescadores da região sobre o que eles pescavam e encontrou mais uma particularidade do Mossoró. Em estuários pelo Brasil, há uma enorme diversidade de peixes e organismos aquáticos, mas, naquele rio, a pesca é fraca e há pouquíssimas espécies presentes na região.

De acordo com os pescadores com quem conversou, são encontradas apenas tainhas, bagres e, mais raramente, pescada amarela.

O doutorando avalia que o principal impacto deste alto nível de salinidade acontece na fauna. “A diminuição de peixes é um indicativo de que o estuário não está saudável, principalmente no período seco do ano (verão). Este fato impacta di-

retamente na renda da população ribeirinha”. Os poucos peixes que ainda podem ser encontrados no lugar são aqueles que suportam grandes variações de salinidade, mas a região estuarina geralmente é um grande berçário de diversas espécies. Para Ernesto, isso é motivo de grande preocupação. Alerta que existem medidas que o poder público pode tomar para controle da situação.



Providências urgentes

Diversos estudos podem ser realizados para avaliação do real impacto da salinidade nos peixes e para catalogação e acompanhamento de todas as espécies que vivem no rio. Segundo o pesquisador, o poder público também poderia investir em avaliar, durante o período de verão, em que a salinidade aumenta, se de algu-

ma forma o sal e as salmoras produzidas nas salinas estão retornando para o rio sem o tratamento adequado.

Além dessas peculiaridades, a pesquisa ainda constatou que há esgoto sendo despejado diretamente no rio, na região que se aproxima do centro da cidade. O estuário com tantas singularidades,

que se destaca dos demais do país e que poderia trazer atenção positiva, maltrata a população da cidade que banha. E o nordestino, que se apoia no que a natureza dá, fica sem recursos. Como disse Luiz Gonzaga, o “rei do baião”, na sua súplica cearense, será que a culpa foi do pobre coitado que não soube rezar?



CAMINHANDO E SEGUINDO A CANÇÃO

Pelos caminhos de Lisboa, Portugal, artistas presenteiam as ruas com música, performances e histórias de vida

Por Cícero Oliveira
Fotos Cícero Oliveira



EU ACABARA DE SAIR do Aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa, Portugal, e entrar no metrô que nos levaria ao bairro do Chiado. Era pouco mais de nove da manhã. O clima ameno do final de outubro, conjugado com a noite mal dormida no avião e a diferença das quatro horas de fuso horário. Circunstâncias per-

feitas para um bom descanso durante o resto do domingo e tudo que eu desejava era que o deslocamento até o centro histórico da cidade fosse rápido e tranquilo. Porém, logo na estação seguinte, percebi que estava chegando a uma cidade de grande movimentação turística e que rapidamente iria mudar os meus planos.



Junto dos poucos passageiros que embarcaram naquele momento, iniciava-se um espetáculo artístico que nos acompanhou, ou melhor, que acompanhamos durante toda a semana. O jovem músico que entrou no trem parecia estar longe de ser um virtuose, tampouco a sua sanfona era digna de qualquer dos nossos mestres sanfoneiros, mas rapidamente ele conquistou o vagão com seu olhar lânguido, o cãozinho que sobre

o seu ombro segurava o copinho feito de garrafa pet para receber as moedas e a música que obrigatoriamente havia de ser um fado. Poucas estações à frente, o jovem se despediu dos passageiros para que logo em seguida outro músico entrasse no comboio e continuasse a apresentação peripatética. Era o cartão de boas-vindas que a cidade nos oferecia. Estávamos em Lisboa!

Tanto quanto outras cida-

des vocacionadas para o turismo, Lisboa é um excelente palco para aqueles que optaram por fazer arte na rua. Artistas de todas as partes do mundo se espalham pela cidade cuidando de colocar seus chapéus, estojos de instrumentos, ou caixinhas sempre à mostra dos passantes, prontos para receber qualquer oferta, desde os minúsculos cêntimos até as multicoloridas notas de euros ou os monocromáticos dólares.

As Bacantes

Estátuas vivas, malabaristas, equilibristas, mágicos, músicos e atores estão presentes em todas as principais praças, miradouros e calçadas. No Largo do Chiado, um dos pontos de concentração de turistas na capital lisboeta, famoso pela presença metálica de Fernando Pessoa, as atrações se sucedem a cada instante, num verdadeiro festival que começa ainda pela manhã e se prolonga até bem tarde da noite. Foi lá

que tive a oportunidade de assistir à apresentação do grupo holandês *De Bacchanten* (As Bacantes, traduzindo para o português), que pela alegria e descontração, além de fazerem jus ao nome, mais pareciam ter saído diretamente do nosso carnaval. Naquele momento algumas questões um tanto pragmáticas me vieram à mente: será que eles conseguem ganhar o suficiente para manter um grupo tão numeroso? O artista de rua é bem

remunerado? É seguro trabalhar de forma tão exposta?

Segui com minhas dúvidas descendo pela Rua Garrett e Rua do Carmo, em direção ao Elevador de Santa Justa. Meu objetivo era atravessar a Baixa e subir até o Castelo de São Jorge, que por sinal é o padroeiro informal de muitos fotógrafos e, por via das dúvidas, é melhor tê-lo como aliado em meu sincretismo.



A cantora cega

Ao me aproximar da Rua Augusta, comecei a ouvir uma das músicas mais cantadas nos bares e restaurantes portugueses, *Nem às paredes confesso*, que foi imortalizada por Amália Rodrigues e é uma unanimidade lusitana. Já estava acostumado a ouvi-la em diversas vozes e mesmo assim ninguém havia me encantado. Daquela vez, no entanto, era diferente.

Era só o som de uma escaleta e nada mais. Aproximei-me daquela mulher tipicamente portuguesa, esperei o final da música, coloquei um euro em sua caixinha de madeira, e não resisti em perguntar-lhe o nome e o porquê de, naquela idade e cega, ainda apresentar-se nas ruas. Dona Maria de Fátima me respondeu com simplicidade que, para o artista, a idade ou as condições físicas são só detalhes sem importância.

Encantado com tanta beleza, agradei e me despedi. Comecei então a subir em direção ao castelo, mas não sem antes abastecer-me com um pastel de bacalhau e uma generosa taça de vinho. Subi degustando cada esquina, cada escada, cada beco.



Handpan

Finalmente chegando à entrada do castelo, não poderia faltar mais um espetáculo. Desta vez tive a oportunidade de conhecer Sanya Barakova, búlgara que mora em Lisboa há quatro anos e toca um instrumento até então desconhecido para mim:

a *handpan*. Ela me apresentou a peça de percussão metálica, tocada principalmente com os dedos polegares. Depois disso falou um pouco sobre a profissão, das alegrias e das dificuldades, e me apresentou um saldo bem positivo: “Gosto da rua, ganho

bem e sustento com dignidade meu filho”. Fiquei feliz com sua conclusão, por alguns instantes quis universalizar sua resposta a todos os artistas de rua, mas rapidamente voltei à sensatez. Já era tempo de regressar, comecei a fazer o caminho da volta.





Sorria, bela!

A atriz Juliana Paes, que estreia em janeiro na minissérie Dois Irmãos, foi eleita o Sorriso do Ano de 2016

Por Janaína Amaral

Fotos: Solano Braz



RENOMADOS PROFISSIONAL DA ODONTOLOGIA estética nacional e internacional elegeram o sorriso da atriz Juliana Paes o mais belo do ano de 2016. Ao lado da sua dentista, a carioca Anni de Castro, ela esteve em Natal, capital do Rio Grande do Norte, durante o Congresso Internacional de Odontologia Estética, para a cerimônia de premiação, que reuniu mais de mil pessoas. Há 12 anos, a Sociedade Brasileira de Odontologia Estética criou o prêmio Sorriso do Ano.

“Hoje eu tenho 37 anos e sei muito mais o poder do meu sorriso do que quando comecei minha carreira de atriz, aos 20. Eu me utilizo dele com mais propriedade”, revelou a atriz. Referiu-se não apenas ao seu sorriso, que virou marca registrada na novela Laços de Família, quando viveu a personagem Rita, que engravidou do prático, teve filhos gêmeos e morreu no parto. Relacionou à maturidade. “As pessoas costumam dizer que gostam de me ver sorrindo. É comum eu ir fotografar uma capa de revista, por exemplo, e as pessoas perguntarem: ‘Cadê o sorriso?’”, diz, com sua simpatia peculiar.



Juliana Paes postou no Instagram foto com o Morro do Careca ao fundo

Homem no caminho certo

Sempre alegre e espontânea, Juliana Paes fez questão de reconhecer o trabalho e a confiança que deposita na sua dentista. “Anni é minha amiga, antes de ser minha dentista. Nossos caminhos se cruzaram por causa de um ex-namorado. Homem às vezes coloca a gente no lugar certo (risos). Um ex-namorado meu era muito amigo da Anni, ele nos apresentou e nós duas nos tornamos amigas inseparáveis”, revela.

A artista credita ao trabalho incansável da amiga, ao não descuidar da paciente sempre lembrando das consultas e tempos de retorno, fez com que o prêmio fosse conquistado. “Eu acho que se não fosse ela, meu sorriso não seria esse. Ela me manda mensagem, e-mail, WhatsApp, ela me acha de todas as formas avisando que está na hora de eu voltar ao consultório, porque eu sou uma preguiçosa. Ela não desiste e fica o tempo todo cuidando do

meu sorriso. Às vezes acho que esse prêmio é mais dela do que meu. É uma amiga de longas jornadas e é responsável por isso”, considera.

A responsável pelo sorriso de Juliana Paes arrancou aplausos dos colegas em sua revelação: “Juliana é minha paciente há 13 anos e eu sou formada há 14 anos. Eu só fiz aquilo que eu sabia que conseguia fazer! Eu nunca me aventurei a fazer aquilo que eu não tinha confiança!”.



Ao lado da sua dentista, Anni Castro

Dentes

O brasileiro é reconhecido no mundo inteiro por ser um povo feliz. Esse reconhecimento vem da simpatia, do sorriso fácil, que mais parece estar associado ao DNA da nação. Coincidência ou não, as universidades de odontologia do Brasil estão no topo do ranking mundial. Prova disso é que muitos dos profissionais brasileiros são reconhecidos internacionalmente.

Juliana Paes afirma ter consciência de que no Brasil a odontologia é muito forte. “É perceptível que os profissionais daqui são os melhores do mundo. Quando eu ando pelas ruas da Europa e dos Estados Unidos dá para perceber que o sorriso do brasileiro no geral é diferenciado, é bem cuidado, essa é a minha percepção”. A preocupação com o sorriso e com a estética do brasileiro faz com que todas as áreas da odontologia trabalhem em sinergia

Tudo leva a crer que o brasileiro, por ser um povo vaidoso, está cuidando cada vez mais do seu sorriso, mas ainda tem muito o que melhorar. De acordo com os números da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), divulgada pelo IBGE em 2013, em convênio com o Ministério da Saúde, que visitou cerca de 80 mil domicílios, em 1.600 municípios de todo o país,



11% da sua população vive sem nenhum dente, o que corresponde 16 milhões de pessoas. Entre as mulheres, essa porcentagem sobe para 13,3%, e, entre os homens, cai para 8,4%. Ficou constatado 41,5% de pessoas com 60 anos ou mais já perderam todos os dentes. E 22,8% dos brasileiros sem nenhuma instrução ou sem ensino fundamental concluído estão completamente desdentados. Além disso, 23% dos brasileiros perderam 13 dentes ou mais, e 33% usam algum tipo de prótese dentária.

Embora no Brasil exista

uma preocupação estética que é pioneira, há muita coisa a ser feita quando o tema é saúde bucal. A população precisa se conscientizar da necessidade de visitas regulares ao dentista. “Eu vejo sorriso aqui (Brasil) que a gente não vê em lugar nenhum no mundo e olhe que eu já contracenei com atores que estão diante das câmeras que têm que ter essa preocupação. Às vezes vejo coisas e fico imaginando que se Anni estivesse vendo aquilo já daria um diagnóstico. No mínimo ia mandar fazer uma limpeza”, diz Juliana Paes.

Os eleitos

Há mais de uma década a Sociedade Brasileira de Odontologia Estética (SBOE) resolveu conceder o prêmio de Sorriso do Ano. Os profissionais dentistas inscrevem seus pacientes no prêmio. O objetivo não é apenas eleger um belo sorriso, mas também analisar o aspecto técnico

e o profissionalismo do homenageado. A divulgação dos vencedores acontece durante o Congresso Internacional da categoria.

Presidente da SBOE, o potiguar Dickson Martins da Fonseca considera que o sorriso de 2016 vai além de qualquer técnica. Como

Juliana externou, o brasileiro sorri gratuitamente. E, além do sorriso e da pele, os olhos da atriz também sorriem. No ano de 2004, o ator Luigi Baricelli foi eleito o sorriso da década e ninguém ainda conseguiu tirar esse título dele. Um misto de simpatia e técnica.



Juliana Paes e odontólogo Dickson Fonseca

Novo projeto

Em 2017, os telespectadores serão brindados com o sorriso constante de Juliana Paes, a partir do dia 9 de janeiro, com a estreia da minissérie Dois Irmãos, na Rede Globo, que foi filmada há cerca de um ano e meio. Em abril será a estreia da novela dirigida por Glória Perez, que vai ao ar sob o nome de Flor da Pele. “Vou fazer uma das personagens centrais, estamos no trabalho de preparação dos personagens”, conta Juliana.

A partir do meio do ano de 2017, deve entrar em cartaz o filme Dona Flor e Seus Dois Maridos. Sobre as cenas de nudez, a atriz afirma que tudo que deixa a pessoa com corpo mais à mostra é complicado, embora afirme que não existem problemas, nem tabu com as pessoas que a cercam. “Elas estão acostumadas com esse tipo de personagem. Hoje é mais uma questão minha do que deles. Mas tem sempre o dia da estreia do filme (risos na sala), mas aí a gente procura não pensar”.



Na estreia de “Dois Irmãos” (acima) e em cena do filme “Dona Flor e seus dois maridos”

O espírito barroco de PRAGA

É o barroco que faz com
que Praga seja tão especial.
Basta fazer um passeio para
entender os motivos





PRAGA E O BARROCO é uma combinação que atrai os visitantes de todo o mundo, na República Tcheca. Este estilo arquitetônico cheio de emoções, dramas e adornos deixou uma marca indelével (felizmente) na aparência da cidade. Que se reconhece em igrejas, palácios e casas locais cuja beleza singular, dada pelos arquitetos barrocos, brilha, seduz, conquista. O barroco de Praga é um conceito por si só.

Novo Mundo e Hradčany

Vale a pena começar o caminho do barroco de Praga por onde um turista não iria. Como o discreto e pitoresco bairro Nový svět (Novo Mundo) que fica muito perto do Castelo de Praga. Muitos dos seus habitantes consideram este o bairro mais bonito de Praga e, sem dúvida, aqui não se vê turistas. Fica escondido num labirinto de ruas estreitas e casinhas medievais e sua joia barroca é a casa “U Zlatého hroznu” (um cacho de ouro) e lembra um pequeno palácio.

A partir de Nový svět só há um pequeno caminho até a Praça do Loreto (Loretánské náměstí) onde há duas importantes construções barrocas. A maior é o Palácio de Černín (Černínský

palác), e a mais antiga é o Loreto, uma construção religiosa formada por claustros, a Igreja do Nascimento da Virgem Maria e a torre com seu famoso carilhão construído em 1626.

Poucos sabem que a fachada barroca foi criada quase cem anos mais tarde e seu autor foi o célebre arquiteto barroco Christoph Dientzenhofer junto com seu filho Kilián Ignaz.

Muito perto da Praça do Loreto fica a Praça Hradčany, onde se encontra a coluna barroca da peste, o Palácio Toscano e, principalmente, o Palácio do Arcebispo, domicílio dos arcebispos de Praga e uma das mais importantes construções barrocas de Praga.



Bairro Pequeno (Malá Strana)

Do Castelo de Praga indo diretamente para baixo chega-se ao bairro de Malá Strana, onde seguramente se encontra a maior concentração de construções barrocas de Praga. Seu símbolo, e provavelmente o símbolo barroco de

toda a Cidade, é a Igreja de São Nicolau (kostel sv. Mikuláše). Kilián Ignaz Dientzenhofer terminou o trabalho de seu pai, o padre Christoph. A parte mais impressionante de toda a obra é o campanário, de onde se vê vistas espetaculares do

núcleo histórico da cidade. No interior da igreja, tudo que se pode esperar do Barroco: um espetacular jogo de luzes e sombras, afrescos, rica decoração escultórica e cúpula com quase 80 metros de altura com candelabro.



Jardins e o Menino Jesus

O barroco não se limitava às construções. O estilo Barroco também pode estar presente na estrutura dos jardins. A prova disso é um dos mais bonitos jardins barrocos da Europa: o Jardim de Vrtbov (Vr-tbovská zahrada). É um oásis de paz no meio do burburinho da Cidade onde os únicos momentos dramáti-

cos experimentados será admirar as emotivas esculturas de Matyáš Bernard Braun. Perto dali fica a igreja que abriga o Menino Jesus de Praga. Outro lugar é o maior palácio barroco de Praga, o de Valdštejn, um magnífico edifício que, no seu tempo, superou até o Castelo de Praga em suntuosidade e decoração luxu-

osa e que hoje em dia é a mansão do Senado da República Tcheca. O palácio está aberto ao público nos fins de semana com entrada grátis. Os jardins podem ser visitados, também gratuitamente, todos os dias e na impressionante sala do térreo, durante a temporada de verão, há concertos e outros eventos culturais.

Cidade Velha

Cruzando a Ponte Carlos (Karlův most), decorada com trinta estátuas barrocas, atravessando o rio Moldava (Vltava), chega-se às ruelas da Cidade Velha (Staré Město). Imediatamente depois da ponte fica o grande complexo barroco Klementinum, que antigamente era um Colégio Maior Jesuíta e hoje é a Biblioteca Nacional da República Tcheca (Národní knihovna). Segundo os votos obtidos pelo site Bored Panda em 2015, esta biblioteca do Klementinum é a mais bonita do mundo. Se os votos foram baseados nos afrescos, nas estantes decoradas cheias de livros antigos, globos valiosos ou todos juntos, certamente não importa. O importante é que, além da biblioteca barroca, ainda é possível visitar a Torre astronômica, com vista para o centro histórico de Praga

Caminhando pelo Palácio Clam-Gallas, construído com base no projeto realizado pelo arquiteto barroco mais importante da Áustria, Johann Bernhard Fischer von Erlach, chega-se à Praça da Cidade Velha, o centro turístico de Praga, onde também há importantes monumentos barrocos. A Catedral de São Nicolau (Chrám sv. Mikuláše) (a coincidência de nomes com a Igreja de São Nicolau no bairro de Malá Strana é mera coincidência e frequentemente resulta em confusão) e a Basílica de São Jacó (bazilika sv. Jakuba). Na sua ala norte, está a tumba barroca do conde Jan Václav Vratislav de Mitrovice, considerada a mais bonita do país.





Para todas

Com a moda cada vez mais democrática, roupas plus size estão em crescimento no mercado fashion

Por Vânia Marinho
Fotos: Felipe Souza
e Fabiano Guedes / Achados Plus Size



DO PONTO DE VISTA da moda, as mulheres gordinhas, principalmente no Brasil, sentem-se excluídas. Existe uma ditadura que impera e privilegia as magras. As mais jovens se acham ainda mais excluídas, ao verem nas passarelas modelos super magras e, nas lojas, roupas prioritariamente com numerações 36 e 38.

Isso faz com que mulheres se submetam a procedimentos de risco e dietas radicais sem acompanhamento médico. Tudo para entrar nos padrões vigentes da cultura da moda. Para esse público, o ideal é aderir às peças estilizadas nas lojas especializadas no mercado *plus size*.



Estilo e beleza

O mercado *plus size* está aquecido pela demanda levada por clientes exigentes, que buscam sofisticação e qualidade e fogem do tradicional. Outro ponto importante é que o interesse deste mercado é realçar as formas, e não disfarçar. Dessa maneira, as mulheres se sentem inseridas no contexto da sociedade.

Segundo dados da Associação Brasileira de Vestuário (Abravest), o segmento cresce seis por cento anualmente e movimenta cerca de cinco bilhões de reais. Esse percentual corresponde a cerca de 300 lojas físicas e aproximadamente 60 virtuais.





Poderosas e modernas

A boa notícia para quem quer se manter dentro da tendência, sem precisar usar roupas que não são adequadas ao seu figurino, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, é a loja Achados Plus Size, que tem peças bonitas e diversificadas, como as que ilustram este editorial, para o público até então esquecido. Calças jeans, vestidos t-shirts e uma equipe preparada para atender especificamente às necessidades desse público. A ideia é que não as mulheres não precisam se adequar às peças, pois há opções já adequadas a todas.

Por **Vânia Marinho**
jornalista



Mylena Sousa



ESTILO NO PALCO

Muitos shows e peças teatrais produzidos no Rio Grande do Norte contam com o trabalho de figurinistas de peso. A apresentação *Pássaros Proibidos*, realizada recentemente em Natal, no Teatro de Cultura Popular, contou com a produção de figurino da estilista e designer Jéssica Cerejeira, graduada em moda e técnica de estilo.

FELIZ NATAL

Em tempo de festas, a Le Lis Blanc capricha em looks elegantes, com vários tons de vermelho e também do prata.



ROUPAS DESCOLADAS

Uma novidade ótima para quem gosta de manter o estilo em tempos de crise. Acaba de chegar ao Brasil o Closet, mix de rede social com e-commerce que irá possibilitar ao usuário comprar peças de closets super desejados como o da blogueira Camila Coelho, da apresentadora Patrícia Abravanel e de outras famosas.

TODA DE BRANCO

O branco continua sendo a cor favorita para a entrada de ano novo. Por isso, as lojas investem em peças nestas cores. Das grandes magazines, as lojas de grifes, o apelo é o da paz. Agora resta escolher um look que se adeque ao seu estilo e ao seu bolso e boas festas. Aqui vão algumas dicas:



Linha Festa, da Farn



Macacão Jump Dylan Oof White, da Bo.Bô



Longo branco da Riachuelo

NINGUÉM MERECE OUVIR NOTÍCIA CHATA NA VOLTA PARA CASA.

Mude de companhia no começo da noite.

Esqueça o trânsito parado
e os problemas do dia-a-dia
sem deixar de saber o que é notícia.

Você tem o direito.

Ninguém precisa ser chato
para lhe contar o que está
acontecendo.



ELIANA LIMA



CIRO PEDROZA

BATE PAPO NA CIDADE

Segunda a sexta

18h

Notícia com inteligência, interatividade, bom humor e sem chatice.

R Á D I O
CIDADE
94FM

Participe: **9 8181 9720**  #batepaponacidade

SIM

Fotos: Augusto César

Com a Matriz Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, lindamente decorada pelo top Luciano Almeida, o monsenhor Lucas Batista e o padre Fernandes abençoaram o amor de Natália Lira e Renato Galvão. Depois do sim, festão no Olimpo Recepções



com as bênçãos dos pais Maria José e José Lira, Hébel e Roberto Galvão



Matriz Nossa Senhora da Apresentação, antiga Catedral de Natal



Entrada da noiva com o pai José Lira



Depois do sim



Noivos no altar



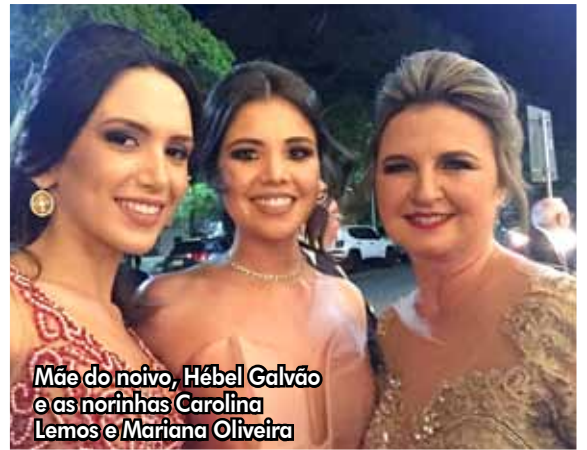
Natália no belo vestido assinado pelo top-paulista Lucas Sanderi



Os noivos receberam as bênçãos do padre Fernandes e monsenhor Lucas Batista



No topo lindo bolo Tereza Vale, noivos da espanhola Lladró



Mãe do noivo, Hébel Galvão e as norinhas Carolina Lemos e Mariana Oliveira



Hébel e Roberto Galvão com os filhos Renato, Rodrigo e Rafael



o pai do noivo com os amigos Getúlio Soares, Rogéria Nunes, Andréa Barros e Ricardo Fontes



Pai do noivo, Roberto Galvão e os colegas médicos Cleanito Rego, Demócrito e Raimundo

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



À LA RIO



Destino certo de milhares de potiguares entre o Réveillon e o Carnaval, o Rio de Janeiro é, como consta na marchinha, uma cidade “cheia de encantos mil”. Além das praias, cantadas em muitos versos

e bem aproveitadas nessa época do ano, a Cidade Maravilhosa também oferece boa gastronomia. Argumento capaz de nortear roteiros, da Tijuca ao Leblon, mesclando cartões postais com a boa mesa.



ACONCHEGO CARIOCA |

Foi nesta esquina do bairro da Tijuca que nasceu o bolinho de feijoada. Da cozinha comandada pela sua criadora, a chef Kátia Barbosa, saem outras delícias como a almofadinha de tapioca e o camarão no coco. Tudo harmonizado com cervejas e “bons drinques”. \$\$



SOHO | A parte inferior do estacionamento das lanchas da Marina da Glória agora abriga restaurantes especializados e com excelente vista para a Baía de Guanabara. Nessa franquia baiana, clássicos do sushi e inovações como o maguro nuta: atum, molho missô e ovo de codorna. \$\$



EÇA | Por trás das joias da H. Stern, no subsolo da loja do Centro, outras preciosidades se escondem. Com inspiração na obra do português Eça de Queiroz, o restô é disputado na hora do almoço, com pratos contemporâneos e sobremesas premiadíssimas. \$\$\$\$

IRAJÁ GASTRÔ |

Por trás das joias da H. Stern, no subsolo da loja do Centro, outras preciosidades se escondem. Com inspiração na obra do português Eça de Queiroz, o restô é disputado na hora do almoço, com pratos contemporâneos e sobremesas premiadíssimas. \$\$\$\$



DA ROBERTA |

Considerada uma das melhores chefs da América Latina, Roberta Sudbrack transformou uma antiga oficina no Leblon em garagem para o seu food truck. Sanduíches, batatas selvagens e bolo no copo são responsáveis pelas filas na despreziosa esquina carioca. \$



IMACULADA | A revitalização da Praça Mauá permitiu que o carioca redescobrisse o Morro da Conceição, onde o samba fez-se existir. Na casa, logo no início da ladeira principal, bolinhos e outros petiscos igualmente “da gema” são abre-alas para programação posterior. \$



BAZZAR | Os azeites perfumados e os chutneys fizeram tanto sucesso que viraram uma linha gourmet, vendida até em Paris. Em Ipanema, come-se as iguarias feitas na hora. O cardápio é sazonal, mas a coxa de pato com risoto de laranja e gorgonzola doce tem presença recorrente. \$\$\$

“EITA QUE O GOVERNO DO ESTADO TÃ SANEANDO NATAL TODINHA, VISSE!?”

NATAL
100%
SANEADA

MAIS DE 55% DAS
OBRAS CONCLUÍDAS
PREVISÃO DE
TÉRMINO: 2018

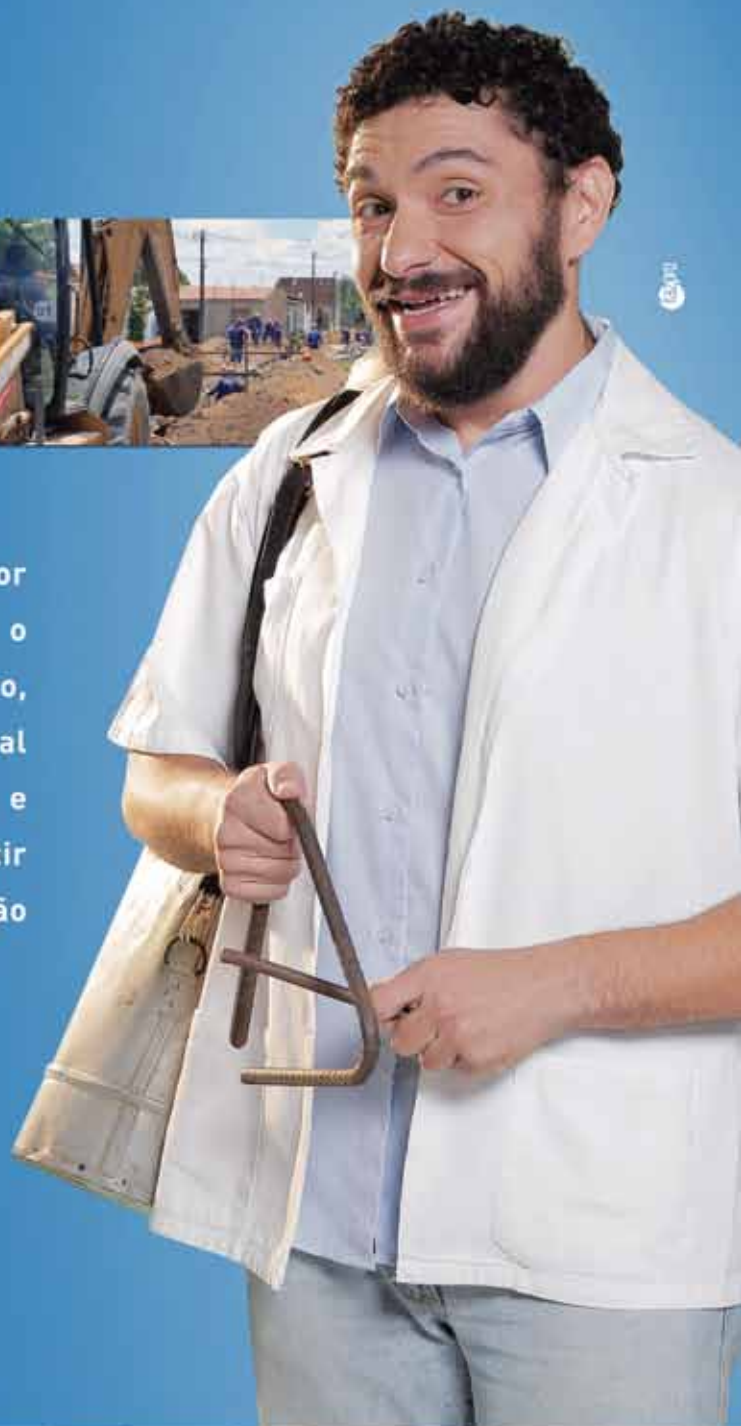


O Governo do Estado realiza em Natal a maior obra de saneamento da história do RN. Com o esgotamento e as novas estações de tratamento, Natal terá orgulho em ser a primeira capital 100% saneada do Brasil. Trabalho da Caern e Governo do Rio Grande do Norte para garantir saúde e qualidade de vida para toda a população nos quatro cantos da cidade.



GOVERNO
DO RIO GRANDE DO NORTE

Secretaria do Meio Ambiente e dos
Recursos Hídricos - SEMARN



BAILE NA EMBAIXADA

Fotos: Paulo Lima/Brasília

Ao som de Bossa Nova e rock and roll, sob o comando da banda Fuzzi Jazz, composta por fuzileiros navais de Brasília, o embaixador da Polônia, André Braiter, e embaixatriz Katarzyna Braiter, ao lado de Cosete Ramos Gebrim, presidente da Sociedade dos Amigos da Polônia, promoveram, na sede da Embaixada, o tradicional Grande Baile Internacional - Ano 3.



Jane Godoy, embaixador André e Katarzyna Braiter, Cosete Gebrim



Francisco e Rita Márcia Machado



Deyr e Neiva Corrêa



Paulo e Wanzenir Wedler, Maria Olímpia e Mário Gardino



Marly Vianna e Carmen Minuzzi



Hélio e Lenir Fonseca, Isabel e José Fiúza



Macarino Freitas e Odete Boeck



Lourdinha Fernandes, Aurinete Leite, Guida de Carvalho e Benildo Silva



Rafael, Carmen e Énio Bocorny



Ivelise Longhi, Eliane de Campos e Nazaréth Tunholi

NO CERRADO

Fotos: Paulo Lima/Brasília

Na bela casa do Lago Sul, Cláudia e o ministro Guilherme Caputo Bastos pilotaram festejos pelos 80 anos de Thereza Falcão, e em comemoração aos 20 anos da Rede Feminina de Combate ao Câncer, presidida pela homenageada. Reunião de amigos e familiares, com direito a discurso emocionante da neta Vivian.



A aniversariante com a família



Maria Luíza Mathias,
Irene Borges, Sílvia Seabra



Simone Hamu,
Ivanilde Almeida



Raul e Cláudia Saboia,
Flávia e Cláudia Corrêa



Ministro Marco Aurélio Mello, desembargadora Sandra de Mello e a homenageada



Odaíza Alves, Fabíola Alves



Anna Maria Maciel,
Rita Márcia Machado,
Iracema Torres



Moema Leão, Maria José Santana,
Denise Barbosa, Gitana Lira



Cosete Gebrim, Ilda Peliz

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Paulo Oliveira

1001 NOITES

Com danças típicas e bufê da tradicional culinária árabe, os salões do Olimpo Recepções se transformaram no cenário das 1001 noites, no dia 12 de junho de 2006. Magia, alegria e descontração foram o mix para lembrar as origens do aniversariante, o discreto empresário Hissa Hasbun, que celebrou seus 80 anos em grande estilo. Um palestino que migrou para o Brasil na década de 1950, passou por Recife, mas adotou Natal como segunda pátria. Na ocasião, amigos de várias gerações, nacionalidades e de colônias árabes foram abraçar Hissa. Uma festa que marcou pela originalidade e, principalmente, pelo espírito jovem do anfitrião.



O anfitrião da noite: Issa Hasbun



Com os irmãos Fuad, Linda Handel, Mary Elali, Lili Handel e a esposa Hildacy



Semi, Abou Chakra, Ramzi Elali, Habib Chalita



Os herdeiros Carly, George e Cristina Hasbun



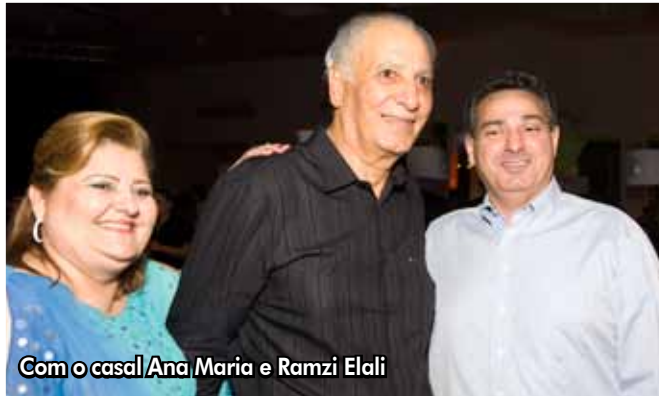
Suzi Tawfic, Jorge Elali, Terezinha Costa, Luiz Carlos



Silvinha e Dr. Ney Fonseca



Orismar Almeida, João Faustino,
Issa Hasbun, Genivaldo Barros



Com o casal Ana Maria e Ramzi Elali



Issa Hasbun recebe Diogenes da Cunha Lima e Vera Dantas



Tawfic, Jorge Tawfic e Soraia, Evelyn



Casal Wilma de Faria e José Maurício



Dança do ventre para lembrar a
origem do aniversariante



Porta-retrato da família reunida



ANDRÉA LUIZA

andrea-luisa@hotmail.com

Ler para crer

Os detentos do Complexo Penal João Chaves, na zona Norte de Natal, ganharam nesta segunda-feira (12) uma biblioteca com mais de 1 mil títulos. O Projeto Releitura pode reduzir a pena em quatro dias para cada livro que um detento ler. Nesse projeto, o preso tem um prazo de até um mês para ler uma obra, que pode ser literária, clássica, científica ou filosófica. Precisa, então, fazer uma resenha sobre o livro escolhido. A resenha é avaliada por uma comissão de pedagogos da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), que verifica se o conteúdo tem a ver com a obra e se não houve plágio.

Homenagem Esp(a)cial

A bordo da Estação Espacial Internacional (ISS) desde novembro, o astronauta francês Thomas Pesquet utilizou a sua conta no Twitter para publicar o seu clique da foz do Rio Apodi – localizado no Rio Grande do Norte. A imagem foi publicada ontem e já teve 1,5 mil curtidas e cerca de 700 compartilhamentos na rede social.

Conheça Dalton Hebe

Logo após *Septo*, web-série potiguar recém lançada que conquistou muito espaço devido a sua pesada divulgação e presença nas redes sociais, vem aí mais um lançamento genuíno: Dalton Hebe. A nova série se chama Dalton/Hebe e é protagonizado por Mateus Cardoso, que interpretou o irmão da personagem Lua em *Septo*, e Quitéria Kelly, conhecida pelo espetáculo *Jacy* e outras peças do grupo Carmin.

Trata-se de é uma comédia realizada pela Casa da Praia, produtora de con-



Divulgação

teúdo audiovisual inaugurada no veraneio de 2011 e aberta o ano inteiro para arte e entretenimento. Criada por Pedro Fiúza, Bruno Sarmento e Vítor Bezerra, em Natal, a Casa da Praia atua produzindo vídeos desde 2011, procurando seguir uma linha autoral.

Para sempre Gullar

Poeta, crítico, articulista, dono de posições fortes e sempre preocupado com o Brasil, Ferreira Gullar morreu neste domingo, 4, no Rio, não sem deixar uma extensa e prolífica obra literária, que chegou a lhe render uma indicação ao Prêmio Nobel de Literatura. Alguns dos escritos me marcaram pessoalmente:

“A LUTA CORPORAL”, DE 1954

Primeiro livro do poeta, que já tinha publicado textos em jornais do Rio de Janeiro e de São Luís, a obra traz experimentações gráficas que abriram caminho para os concretistas de São Paulo na segunda metade da década de 1950, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari à frente.

“MANIFESTO NEOCONCRETO” E “TEORIA DO NÃO-OBJETO”, DE 1959

Os dois textos se tornaram marcos conceituais do neoconcretismo, movimento surgido no Rio de Janeiro que se afastava dos concretistas de São Paulo ao ampliar o espaço da subjetividade na obra de arte. Gullar já tinha rompido com os paulistas dois anos antes, por discordar do artigo “Da psicologia da composição à matemática da composição”.

“JOÃO BOA-MORTE, CABRA MERCADO PARA MORRER”, DE 1962

Em determinado período da carreira, Ferreira Gullar acreditava que era mais importante que sua poesia se comunicasse com um maior número de pessoas — mesmo que, com isso, fosse obrigado a sacrificar a sua qualidade formal. Seus poemas em forma de cordel, como os que estão presentes nesse livro, partem dessa preocupação em levar a luta política a um grande público.

**Só um
instante,
por favor!**

A cada carro que dá a preferência para um ônibus passar, quarenta pessoas, em média, chegarão mais rápido aos seus destinos. Além disso, cada ônibus que recebe a permissão de ultrapassagem, faz com que o trânsito consiga fluir melhor. Agindo assim, congestionamentos diminuem e todos ganham tempo.

**MESMO DE CARRO,
DÊ A PREFERÊNCIA AO
TRANSPORTE COLETIVO.**



SETURN

SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES
URBANOS DE PASSAGEIROS DO MUNICÍPIO DO NATAL



REATIVO OU PROATIVO: quem é você no mercado de trabalho?

Com a recessão econômica enfrentada pelo país, as equipes têm se tornado cada vez mais enxutas e, conseqüentemente, as organizações têm buscado profissionais ainda mais produtivos. Dentro desse contexto, a proatividade se tornou um critério bastante relevante durante as seleções. Mas, como saber se você atende esse requisito?

É simples. Em geral, existem dois perfis comportamentais proeminentes entre os trabalhadores brasileiros: o reativo e o proativo. Profissionais que se encaixam na primeira categoria são aqueles que fazem exatamente as atividades que lhe são pedidas e sentem-se valorizados por isso. Os reativos chegam no horário, cumprem prazos e executam suas funções com eficiência e qualidade.

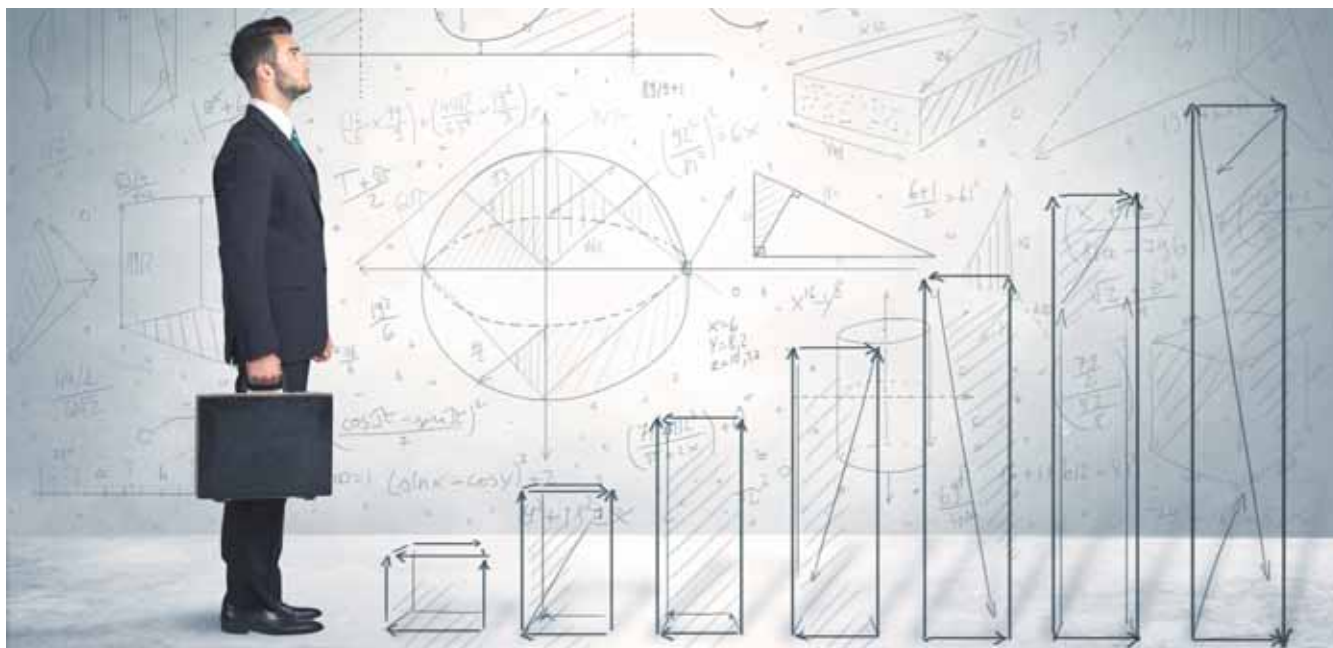
Já os proativos são reconhecidos por fazerem além do esperado. São pessoas que procuram informações e oportunidades para fazer acontecer. Possuem a capacidade de lidar com riscos, erros e pressão a curto prazo, de visualizar realidades futuras, gerenciar de forma flexível, inovar e liderar.

Não é difícil perceber porque esses profissionais têm sido os queridinhos das empresas. Eles são os grandes responsáveis

por tornar a gestão do negócio mais segura e lucrativa. Contudo, é importante frisar que esse comportamento só é realmente valorizado quando o básico também é executado com eficiência. Afinal, do que adianta criar tanta expectativa se o feijão com arroz não for bem feito?

Além disso, toda essa proatividade deve ser coerente com as metas e a visão da empresa. Caso contrário, pode provocar um grande desgaste para a organização. De um lado, o funcionário se sentirá desmotivado por estar sempre nadando, nadando e morrendo na praia e, por outro, o empregador não receberá os resultados que tanto almeja.

Dessa forma, se ser reativo nos dias de hoje pode ser considerado um problema, para superar as expectativas do seu chefe ou do seu cliente é preciso incluir um propósito à sua proatividade. Assim, todos saem ganhando, uma vez que a empresa poderá entregar resultados melhores e você terá ainda mais chances de crescer na sua carreira. Agora, que você já identificou qual o seu perfil comportamental, não perca tempo em aprimorar ou desenvolver novas habilidades. Comece a ser proativo agora mesmo!



MAIS UMA MARCA LÍDER MUNDIAL PARA O PORTFÓLIO DA GENTIL NEGÓCIOS.



A Sunglass Hut é a maior rede de varejo especializada em óculos de sol do mundo e conta com mais de 3.000 lojas espalhadas em todo o globo. Com uma reputação mundial por contemplar marcas de óculos de sol premium, a Sunglass Hut oferece os mais novos produtos e coleções, além de um incrível atendimento ao cliente. A empresa foi fundada em 1971 nos EUA e hoje pertence ao grupo italiano Luxottica, detentora de marcas como Ray-Ban, Oakley, Vogue e Persol. A marca chegou ao Brasil em 2011 e agora amplia sua atuação no Nordeste em parceria com a Gentil Negócios.

● **sunglass hut**

oBoticário

SWAROVSKI

quem
disse,
berenice?

Gentil
negócios

MESMO EM TEMPOS DIFÍCEIS,
A **UNIÃO** E A **GESTÃO EFICIENTE**
TRAZEM RESULTADOS EXCELENTES.

O cenário econômico do país durante esse ano não foi dos melhores. Mas, com planejamento, boas práticas e transparência a Unicred Natal continua superando as expectativas e dando tranquilidade aos seus cooperados que acreditam que a excelência de uma gestão cooperativista sólida e austera resultam nas melhores soluções financeiras. Afinal, quando se tem profissionais afinados com as necessidades e desejos dos cooperados, os resultados aparecem.

28 de dezembro.
Dia Nacional do Cooperativismo de Crédito.
unicrednatal.com.br | (84) 4009.3535

UNICRED 
NATAL/RN